

BRASIL-PORTUGAL

16 DE DEZEMBRO DE 1899

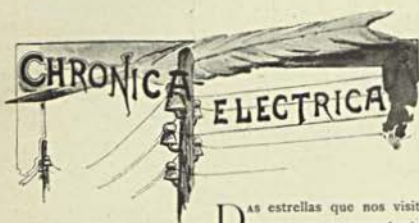
N.º 22

Tipos e Costumes Portuguezes



Clube de São Roque

O Tio Anastacio
(Valle de Santarem)



Das estrellas que nos visitaram apagou-se, no nosso horizonte, a ultima. Ficámos na treva e, na nossa desolação, ha o que quer que seja da orphanidade ou da viuvez.

Quando a grande Sarah se afastou, mitigava-nos a saudade a ideia de que outra vinha em breve tomar o seu lugar. Despedia-se de nós a Granier, e não estava frio ainda o lugar que na nossa attenção ella occupava, já outra estrella, parisiense tambem, apparecia na mesma linha do horizonte.

E os nossos applausos á mais formosa de todas, a essa adoravel Hading, não tinham cessado ainda, já no céo, isto é, no palco de S. Carlos, outra estrella, rutila, de primeira grandeza, affogava em luz o nosso espirito absorto. Mas desaparece a Rejane, some-se a luz, que será de nós?

Foram no seu rasto fulgurante os nossos enthusiasmos, as vibrações do nosso sentimento perturbado, os ultimos echos do nosso applauso fremente. Foi-se a ultima estrella. O firmamento está escuro como breu, e não temos daveida em accusar de crueldade aquelle que a não deixou brilhar para nós senão por esses dias tão rapidos, tão breves, *hélas!*

O *Brasil-Portugal* em nome do povo portuguez agradece reconhecidissimo aos srs. conde de Burnay e Carlos Ferreira, candidatos a deputado por Setubal, o não terem permitido que as gloriosas tradições do carneiro com batatas eleitoral fossem por agua abaixo, n'esta tristissima *degringolade* de fim do seculo, que todas as tradições ameaça derrubar, desde o *gargarejo* dos terceiros andares até ao carneiro com batatas.

Porque nada ha mais desolador de que uma rua de Lisboa... á noite, e nada haveria de mais sensaborão do que estas eleições para deputados, se não fossem os srs. conde de Burnay e Carlos Ferreira.

Em dando meia noite as ruas de Lisboa são uma tristeza.

Ha quatro ou cinco annos eram um encanto, uma ilha dos Amores. Em cada rua, pelo menos havia uns quatro ou cinco sujeitos, que de nariz furando as estrellas, diziam para os terceiros andares palavras de amor, que eram o encanto dos varredores e a delicia dos guarda-nocturnos.

Agora ou falam por um modesto telephone de cordel, comprado em bazares baratos, ou falam no patamar das escadas.

E a brisa da noite já não leva nas suas azas, mais ou menos perfumadas, doces palavras de amor.

Pois como esta encantadora tradição do gargarejo foi derrubada, este tambem prestes a sel-o, a não menos gloriosa tradição do carneiro com batatas.

As eleições estavam correndo com uma semsaboria atroz, com umas rélas *chapeladas* n'uma ou outra frequência, e tudo fazia recear que ellas passassem como a chuva de estrellas de novembro... sem ninguem dar por ellas.

Mas, V. Ex.^{ma}, luctando pela honra de representarem no parlamento os povos de Setubal, fizeram brilhantemente resaltar o cunho característico das nossas eleições e... augmentar o preço do carneiro e das batatas.

O *Brasil-Portugal* vos sauda pois reconhecido em nome do povo portuguez.

Brasil-Portugal.

PEDRO AMERICO

HONRA hoje as paginas do *Brasil-Portugal* o nome de Pedro Americo, o grande pintor *doublé* de um escriptor de raça, nome que constitue a mais radiante gloria artistica do Brasil.

Pedro Americo com as suas telas immortaes e Carlos Gomes com as notas inspiradas do *Guaraní* foram os brasileiros que n'este seculo levaram a mais longes terras a arte do Brasil e de maior gloria encheram o nome do seu paiz.

Não podia ser mais gentil a deferencia com que o afamado pintor acolheu, na Italia onde vive, o nosso pedido. De lá nos enviou o formoso trecho de prosa que expressamente escreveu para o *Brasil-Portugal* e para este numero, do qual uma parte é consagrada ao Natal de Christo.

Por nós e pelos nossos numerosissimos leitores, brasileiros e portuguezes, sinceramente lh'o agradecemos.

E aproveitamos o ensejo para a todos informarmos de que, em uns dos numeros seguintes da Revista,

algumas paginas serão consagradas a Pedro Americo.

O que fizemos com o grande escultor portuguez Teixeira Lopes é justo que o façamos com o grande pintor brasileiro. A sua obra monumental será em grande parte reproduzida n'estas paginas pela photographura, de forma a tornar mais admirado e querido dos que o não conheciam bem o genio de Pedro Americo.

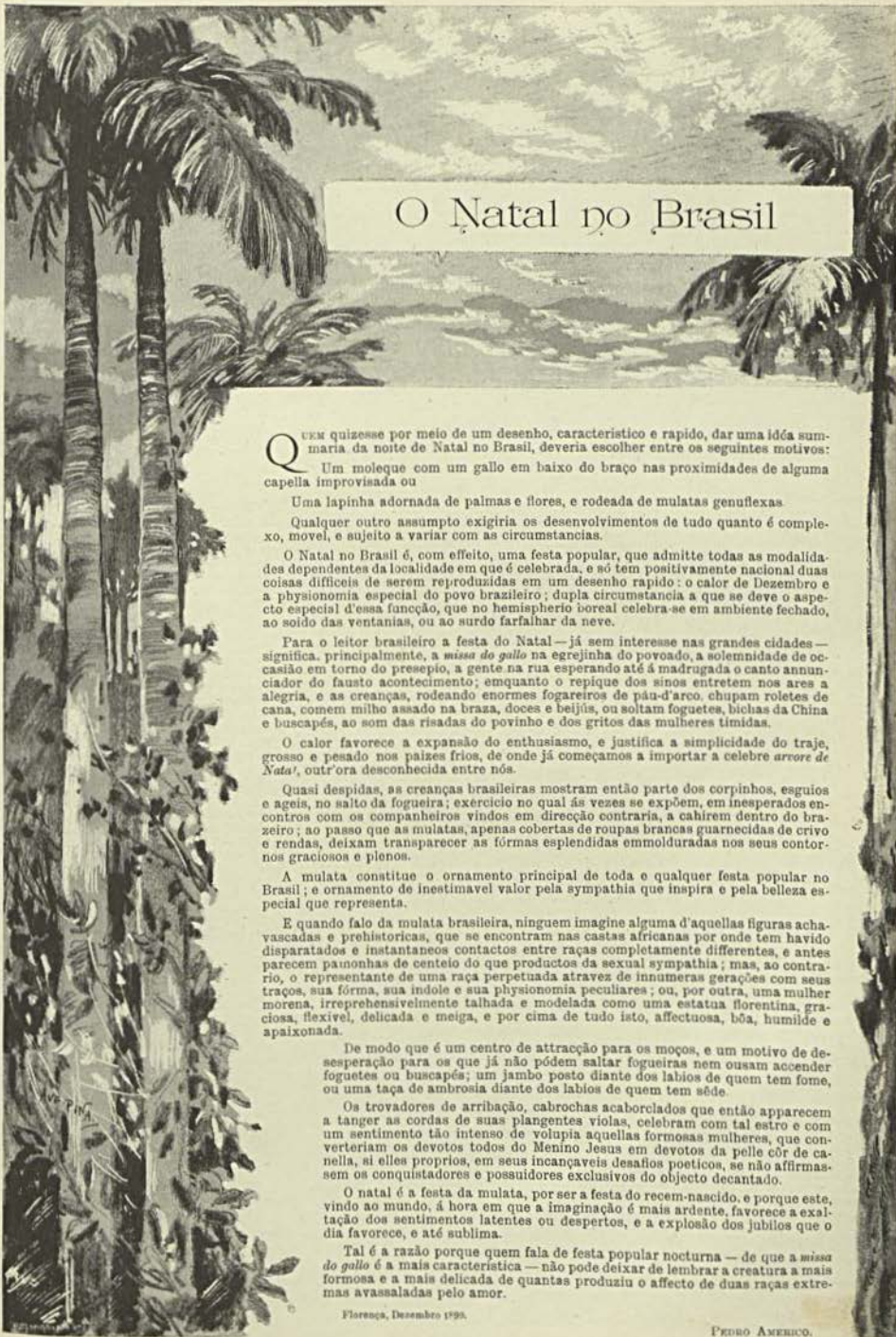
Para que essa homenagem ao grande pintor brasileiro seja tão completa quanto possivel, encarregamos já alguém que de Florença, onde Pedro Americo actualmente está, nos mandasse photographias do *atelier*, onde o illustre artista trabalha nas primorosas obras d'arte que o mundo inteiro admira.

N'esse mesmo numero daremos as reproduções de qua tros que se conservam ainda desconhecidos do publico, e publicaremos tambem um primoroso desenho, que o grande artista, a nosso pedido, amavelmente fez para o *Brasil-Portugal*.



Rejane e sua filha Germana

Photographia tirada, no palco de S. Carlos, expressamente para o *Brasil-Portugal*



O Natal no Brasil

Quem quizesse por meio de um desenho, característico e rápido, dar uma idéa sumaria da noite de Natal no Brasil, deveria escolher entre os seguintes motivos: Um moleque com um gallo em baixo do braço nas proximidades de alguma capella improvisada ou

Uma lapinha adornada de palmas e flores, e rodeada de mulatas genuflexas

Qualquer outro assumpto exigiria os desenvolvimentos de tudo quanto é completo, movel, e sujeito a variar com as circumstancias.

O Natal no Brasil é, com effeito, uma festa popular, que admite todas as modalidades dependentes da localidade em que é celebrada, e só tem positivamente nacional duas coisas difficeis de serem reproduzidas em um desenho rapido: o calor de Dezembro e a physionomia especial do povo brasileiro; dupla circumstancia a que se deve o aspecto especial d'essa funcção, que no hemispherio boreal celebra-se em ambiente fechado, ao soido das ventanias, ou ao surdo farfalhar da neve.

Para o leitor brasileiro a festa do Natal — já sem interesse nas grandes cidades — significa, principalmente, a *missa do gallo* na egrejinha do povoado, a solemnidade de occasiào em torno do presepio, a gente na rua esperando até á madrugada o canto annunciador do fausto acontecimento; enquanto o repique dos sinos entretem nos ares a alegria, e as creanças, rodeando enormes fogareiros de pau-d'arco, chupam roletes de cana, comem milho assado na brasa, doces e beijús, ou soltam foguetes, bichas da China e buscapés, ao som das risadas do povinho e dos gritos das mulheres timidas.

O calor favorece a expansào do enthusiasmo, e justifica a simplicidade do traje, grosso e pesado nos paizes frios, de onde já começamos a importar a celebre *arvore de Nata'*, out'ora desconhecida entre nós.

Quasi despidas, as creanças brasileiras mostram então parte dos corpinhos, esguios e ageis, no salto da fogueira; exercicio no qual ás vezes se expõem, em inesperados encontros com os companheiros vindos em direcção contraria, a cabirem dentro do brazeiro; ao passo que as mulatas, apenas cobertas de roupas brancas guarnecidas de crivo e rendas, deixam transparecer as fórmas esplendidas emolduradas nos seus contornos graciosos e plenos.

A mulata constitue o ornamento principal de toda e qualquer festa popular no Brasil; e ornamento de inestimavel valor pela sympathia que inspira e pela belleza especial que representa.

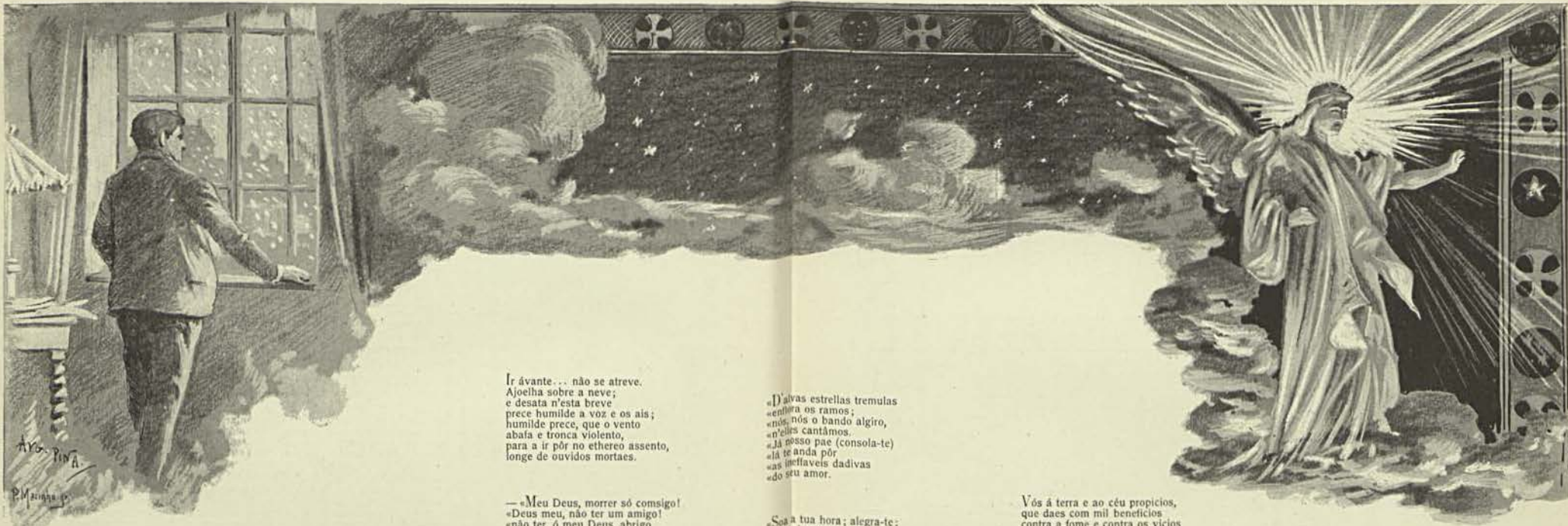
E quando falo da mulata brasileira, ninguem imagine alguma d'aquellas figuras achavascadas e prehistoricas, que se encontram nas castas africanas por onde tem havido dispartados e instantaneos contactos entre raças completamente differentes, e antes parecem panninhos de coto do que productos da sexual sympathia; mas, ao contrario, o representante de uma raça perpetuada atravez de innumerables gerações com seus traços, sua fórma, sua indole e sua physionomia peculiares; ou, por outra, uma mulher morena, irreprensivelmente talhada e modelada como uma estatua florentina, graciosa, flexivel, delicada e meiga, e por cima de tudo isto, affectuosa, bõa, humilde e apaixonada.

De modo que é um centro de attracção para os moços, e um motivo de desesperaçào para os que já não podem saltar fogueiras nem osuam accender foguetes ou buscapés; um jambo posto diante dos labios de quem tem fome, ou uma taça de ambrosia diante dos labios de quem tem sede.

Os trovadores de arribaçào, cabrochas acorboldados que então apparecem a tanger as cordas de suas plangentes violas, celebram com tal estro e com um sentimento tão intenso de volupia aquellas formosas mulheres, que converteriam os devotos todos do Menino Jesus em devotos da pelle cõr de canella, si elles proprios, em seus incançaveis desafios poeticos, se não affirmassem os conquistadores e possuidores exclusivos do objecto decantado.

O natal é a festa da mulata, por ser a festa do recém-nascido, e porque este, vindo ao mundo, á hora em que a Imaginacào é mais ardente, favorece a exaltação dos sentimentos latentes ou desertos, e a explosão dos jubilos que o dia favorece, e até sublima.

Tal é a razão porque quem fala de festa popular nocturna — de que a *missa do gallo* é a mais caracteristica — não pode deixar de lembrar a creatura a mais formosa e a mais delicada de quantas produziu o affecto de duas raças extremamente avassaladas pelo amor.



O Natal do Pobresinho

Oh que asperrimo dezembro!
Treme o frio em cada membro
se cogito, se me lembro
do que lá por fóra vae.
Pelos gelos da vidraça,
olho a rua; ninguém passa,
mais que o vento, que esvoaça
sobre a neve; e neve cáe.

Mas á nossa residencia
(Graças mil, ó Providencia)
traz de dezembro a inclemencia
delicias a plenas mãos.
Viva o Natal, santo dia!
bom fogo aquece e alumia
a domestica alegria
de meninos e anciãos.

Vêde este bando innocente
como folga e ri contente,
dansando em torno á luzente
arvor' do Santo Natal.
Mas em rica sala accessa
que admira, se em tosa mesa
nem aos filhos da pobreza
faltá a usança festival?...

N'este dia, n'esta hora,
em que infante um Deus se adora,
não ha penas; ninguém chora;
toda a terra está feliz.
Toda?! A's portas d'esse nobre
não vejo eu bater um pobre,
que o vento cruel descobre
das rotas vestes subtis?

E não é elle um menino?
não vaga sem luz, sem tino,
ludibrio de atroz destino
por entre tanto folgar?!
Vem-lhe o cheiro dos manjares,
vem-lhe o estrondo dos folgares,
e entre tantos ricos lares,
não encontra aberto um lar.

Frio e fome! (coitadinho!)
Como ave implume e sem ninho,
vae, sem lhe importar caminho;
vae, sem saber onde irá.
Ninguém sabe, nem presume,
quantas penas em cardume
aquella avesinha implume
cutindo em silencio está.

Ir ávante... não se atreve.
Ajoelha sobre a neve;
e desata n'esta breve
prece humilde a voz e os ais;
humilde prece, que o vento
abaía e tronca violento,
para a ir pôr no etheréo assento,
longe de ouvidos mortaes.

— «Meu Deus, morrer só consigo!
«Deus meu, não ter um amigo!
«não ter, ó meu Deus, abrigo
«de paé, de mãe, nem de irmão!
«Não posso mais; não resisto;
«tenho fome e frio, oh Christo!
«pequeno sou...» — E n'isto,
soluça do coração.

— «Todos, todos d'esta idade,
«na tua festividade,
«bom Jesus, tem claridade,
«prazer, fartura e calor;
«d'entre as tuas creaturas
«só eu te adoro ás escuras;
«só contra mim te conjuras,
«menino que és todo amor.

«Paciencia!... pouco importa!
«dá tudo aos mais e os conforta,
«mas a mim a tua porta
«depressa me faz abrir.
«N'este mundo frio, escasso,
«não posso dar mais um passo;
«de tua mãe no regaço
«quero ir pousar e dormir.» —

Diz, e assenta-se carpindo,
Eis que outro infante mais lindo
lhe apparece, refulgindo
qual uma estrella sem véu!
tem de neve e d'oiro a veste,
azas de azul, voz celeste:
— «Sempre contigo me houveste»
lhe diz, apontando ao céu.

«Olha a estrellada abobada,
«irmão querido,
«terrestre anginho candido
«a quem presido;
«de luzes toda esplendida
«rica, immortal,
«aquella, aquella é a arvore
«do teu Natal.

«D'alvas estrellas tremulas
«enlira os ramos;
«nós, nós o bando algiro,
«n'elles cantámos.
«Já nosso paé (consola-te)
«lá te anda pôr
«as ineffaveis dadivas
«do seu amor.

«Soa a tua hora; alegra-te;
«surte immortal;
«aquella, aquella é a arvore
«do teu Natal.

Tudo o que assim lhe dizia
o risinho etheréo guia,
tudo cheio de alegria
estava o pobresinho a ver.
Pouco a pouco os olhos cerra;
quando outra vez os descerra,
em vez do exilio da terra
acha a patria do prazer!

Já tem azas, gira, voa;
já seus anjos gloria entoa,
já sua arvore o coráo
de esvelhinhas em botáo;
já soe affago materno;
já destructa amor paterno;
das virgens o côro terno
o salda por irmão.

Ah! como este innocentino,
sem plumas, sem mãe, sem ninho,
não tem o mundo mesquinho
tanta creança? e não tem
outros mil de peor sorte,
com quem é madrastra a morte,
e a quem bradará mais forte
a penúria do que o bem?

Quão formosa a caridade,
que imitando a divindade
folga se acha um d'esta idade,
como se achára um sequim,
e o bria, enthesoura e zela!
Oh não, que a não ha mais bella!
— «Os pequeninos» — diz ella,
«deixe-os vir para mim.» —

Vós á terra e ao céu propicios,
que daes com mil beneficios
contra a fome e contra os vicios
asylo ao bando infantil,
redobrae com mãos piedosas
esmolas, que milagrosas
recobrareis feitas rosas
nos campos do eterno abril.

1840.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.



A guerra do Transvaal sob o ponto de vista economico

INTENTA-SE n'este escripto apontar alguns effeitos provaveis da guerra do Transvaal na economia publica e particular. Não são muito difficeis de calcular, com relativa approximação, as despesas immediatas e positivas das guerras modernas. Têm sido avaliadas as suas perdas financeiras nos ultimos quarenta annos em 60 mil milhões de francos, ou cerca de onze mil milhares de contos da nossa moeda ao par. Representa esta somma colossal quasi metade de toda a divida publica dos Estados europeus (130 mil milhões) e mais da totalidade dos emprestimos realizados desde 1890 para cá, isto é, durante os annos a que aquellas despesas se referem.

Na historia da divida publica da Inglaterra aprende se melhor do que em qualquer outro documento a conhecer a influencia das guerras nas finanças de um povo. Até á revolução de 1688 cifrava-se toda a divida ingleza em 64 mil libras, mas as despesas occasionadas por esse grande movimento elevaram-na rapidamente a ponto de 13 milhões. Depois veio a guerra da Sucessão nos primeiros annos do seculo dezoito, e a divida subiu logo por esse facto a 52 milhões, que doze annos de paz foram gradualmente reduzindo a 46. Augmentou porém novamente mais 30 milhões até ao anno de 1748, em que terminou a guerra de Hespanha, e tambem novamente diminuiu nos seguintes oito annos de paz, ao fim dos quaes a divida estava em 74 milhões. Em seguida a essas curtas treguas, rebentou a guerra dos sete annos, e a divida attingiu logo 133 milhões, que desde a paz de Paris se foram pouco a pouco amortisando até que a guerra da America obrigou a Inglaterra a pedir ao credito para as suas despesas mais 116 milhões. No fim d'essa guerra estava a divida ingleza em 243 milhões, que poucos annos de paz reduziram a 237. Era esse o estado d'aquella divida, quando em 1792 começou a guerra de França, durante a qual se foi elevando até á paz d'Amiens, tendo chegado então a 637 milhões. Depois vieram as guerras de Napoleão, e quando em 1815 se ajustou a paz, a divida era já de 860 milhões. Nos 40 annos de paz, que se seguiram, foram pagos 92 milhões, estando por isso a divida reduzida a 768 quando veio a guerra da Criméa, durante a qual cresceu uns 40 milhões, que a fizeram elevar a 808. No regimen de paz, em que a Inglaterra tem vivido de então para cá, foram pagos 164 milhões, sendo por isso hoje toda a divida publica ingleza de 634 milhões esterlinos. Mostra-se n'esta nota fugitiva do que tem sido a evolução da divida ingleza nos 310 annos contados, que durante os periodos de guerra pediu a Inglaterra ao credito 913 milhões, e que nos periodos de paz pagou 276 alem dos encargos annuaes de juros, que tendo chegado a ser de 32 1/2 milhões estão actualmente reduzidos a 25 por effeito de amortisações e conversões, realisadas todas com 25 por cento dos annos de paz. Se as dividas publicas de outros paizes fossem apreciadas sob o mesmo ponto de vista, tambem n'ellas se encontrariam sobradas provas de quanto as guerras têm custado a esses paizes, e das sommas improductivas que por esse motivo sobrecarregam os seus orçamentos.

Diz-se tambem que nas guerras dos ultimos 40 ou 45 annos, que pelos calculos referidos custaram 60 mil milhões de francos, perderam a vida perto de dois milhões de homens (só na Criméa 730 mil) e n'este seculo, em que o dinheiro é o denominador commum de todos os valores, pode-se assim acrescentar áquelle enorme cifra de perdas financeiras o valor d'essa quantidade imensa de vidas, de forças e d'intelligencias perdidas. Esse valor não é certamente de facil determinação, mas os consumos medios de cada individuo até aos vinte annos, deduzido o producto do seu trabalho desde os quinze, estão calculados em 3500 francos, e dos vinte aos sessenta avalia-se em mil francos por anno a productividade do trabalho humano. E' inutil dizer que estas avaliações não podem ser rigorosas, mas resultam de muitos numeros comparados, e especialmente dos apresentados por Engel ao Instituto Internacional d'Estadistica, com fundamento em grande copia d'observações escrupulosamente feitas nas classes mais numerosas. Sendo assim, a dois milhões de vidas perdidas na guerra terra correspondido, além de 7 mil milhões de consumos que esses individuos custaram á sociedade até serem adultos, um prejuizo em rendimento de trabalho, que se não deverá computar em menos de 50 mil milhões de francos, embora se applique áquelle numero a taxa de mortalidade de 39 %, que é a maxima applicavel ás populações de 20 a 60 annos na Europa central. Estes algarismos, que representam o valor theorico da productividade do trabalho, elevam acaso a 120 mil milhões as perdas em dinheiro e trabalho occasionadas pelas ultimas guerras.

Se porém se acrescentar a essas sommas, com que o passado tão fortemente pesa sobre o presente, as despesas com a paz armada, não comprehendendo as de marinha, vê-se que essas despesas, feitas tambem por causa da guerra, existem ainda muito os encargos annuaes dos emprestimos contrahidos em tempo de guerra. A somma de todas as despesas annuaes ordinarias dos ministerios da guerra nos diversos paizes attinge cerca de 4 mil milhões de francos, que repartidos pelo numero dos seus habitantes dá um quociente de 11 francos de capitação de guerra, e como os orçamentos geraes dos respectivos Estados sommam approximadamente 22 mil milhões, vê-se que a guerra em tempo de paz leva mais de 18 % das receitas totaes. No diagramma que se segue vão expressos todos os encargos despesas em dezenove paizes da Europa, e acrescentados em francos para melhor se poderem comparar e acrescentados com a designação da parte de encargos annuaes correspondente a cada habitante, e da proporção em que para as despesas geraes estão as despesas de guerra.

	Orçamentos de guerra em milhões de francos	Porcentagem sobre os orçamentos geraes em tantos por cento	Encargos annuaes por individuo em francos
Russia.....	770.2	13.2	6
Alemanha.....	731.5	18.3	14
França.....	640.1	18.9	16.7
Inglaterra.....	456.7	17	11.5
Austria.....	446.8	14	10.7
Italia.....	296.6	14.7	7.5
Hespanha.....	198.2	24.0	11
Turquia.....	103.2	38.8	4.3
Hollanda.....	49.8	17	10
Suecia e Noruega.....	49.2	18.1	7
Belgica.....	48.4	10	7.4
Romania.....	44.5	19.2	8
Portugal.....	31.2	10.4	6.3
Bulgaria.....	23.3	27.1	7.7
Suissa.....	23.2	23.9	7.7
Grecia.....	16.3	17.8	6.7
Servia.....	14.1	20.1	6
Dinamarca.....	13.9	9.2	6.3
Flandria.....	7.9	7.8	6.1

Ha porem no balanço das despesas e do custo das guerras mais alguma cousa do que o consumo de homens e de capitães. As suas influencias nos preços, nas taxas de juro, no movimento das importações e exportações, nas crises commerciaes, e de um modo mais ou menos extensivo em tudo o que constitue a vida economica, são cousas que descontadas a dinheiro, e somadas com a consequente desordem moral, avolumariam ainda muito consideravelmente os gastos feitos pelos Estados, e saídos dos seus orçamentos.

Todos esses effeitos da guerra, consumo de homens e capitães por um lado, e perturbações economicas e politicas por outro lado, são por ora cousas bem difficeis de apreciar na guerra do Transvaal. Alguns milhares de homens e alguns milhões de libras de menos não influem, nem muito nem pouco, na economia da populosa e opulenta Inglaterra, mas o Transvaal é o maior fornecedor de ouro do mundo, e nas suas minas estão empregadas sommas quasi fabulosas.

Até 1885 a Africa do sul mal apparece na carta geographica das regiões auríferas. Os campos d'ouro, annunciados e proclamados havia já uma boa duzia d'annos, pareciam esteíres e amaldiçoados. Nove decimos de todo o ouro vinham dos Estados-Unidos, da Australia e da Russia, mas no quinquennio de 85 a 90 figura já a Africa com uma contribuição de 35,831 kilogrammas, n'uma produção total de 555,438. N'esse quinquennio a quota de cada um dos paizes productores de ouro foi a seguinte:

Estados-Unidos.....	30.3	por cento
Australia.....	26.0	" "
Russia.....	19.8	" "
Africa do Sul.....	4.2	" "
Outros paizes.....	19.7	" "
	100.0	

Como se vê, a Africa apresentava-se então modestamente no concurso dos paizes distribuidores de ouro, mas no quinquennio immediato de 91 a 95 apparece assim invertida a ordem das riquezas auríferas:

Estados-Unidos.....	23.2	por cento
Australia.....	23.0	" "
Africa do Sul.....	18.4	" "
Russia.....	15.9	" "
Outros paizes.....	19.5	" "
	100.0	

Nos dois annos immediatos (96 e 97) ainda mais se adiantou a Africa, que tomou o primeiro logar entre os paizes auríferos, passando a produção do ouro do mundo a ser composta segundo as percentagens seguintes:

Africa do Sul.....	27.3	por cento
Estados-Unidos.....	25.3	" "
Australia.....	25.0	" "
Russia.....	10.6	" "
Outros paizes.....	10.8	" "
	100.0	

Mais se adiantou ainda no anno passado. Em 1898 foi a produção de ouro em todo o globo de 433,054 kilogrammas. As regiões

mais productivas foram por sua ordem a Africa do Sul, que produziu 125.562 kilogrammas, a Australia 104.630, os Estados-Unidos 102.315 e a Russia 41.890. Assim o contingente de ouro, com que os diversos paizes contribuíram no anno passado para a sua distribuição pelo mundo, expressa-se em tantos por cento pela forma seguinte:

Africa do Sul.....	27,5	por cento
Australia.....	25,0	—
Estados-Unidos.....	22,5	—
Russia.....	9,0	—
Outros paizes.....	18,0	—
	100,0	—

A productividade das minas do Transvaal tem vindo sempre a crescer de anno para anno, tendo passado gradualmente em oito annos de 23.376 kilogrammas, ou 11 por cento da produção total, a 125.562 correspondentes a 27,5 por cento, como se pôde ver nos numeros seguintes:

1891.....	23.376 kilog.	ou 11	por cento da produção total
1892.....	36.977	ou 16	—
1893.....	44.405	ou 18	—
1894.....	59.968	ou 25,5	—
1895.....	68.000	ou 29	—
1896.....	69.164	ou 29,5	—
1897.....	90.643	ou 39	—
1898.....	125.562	ou 27,5	—

No mesmo periodo a produção de ouro em todos os paizes, que foi em 1891 de 202.128 kilogrammas, elevou-se em 1898 a 433.954, tendo assim augmentado 124 % no passo que a produção da Africa do Sul augmentou durante o mesmo tempo 457 %. Conforme todas as previsões, tende esta progressão a continuar. E o que affiançam os calculos de abalissados engenheiros, e é o que comprovam os resultados das explorações do primeiro semestre do anno corrente. Ainda ha bem pouco tempo, tudo fazia prever que no anno que vem se elevaria a produção do ouro no Transvaal a 150 mil kilogrammas, ao que corresponde um valor de 600 milhões de francos. Assim, a interrupção dos trabalhos das minas transvaalanas, que n'um só anno poderia não ter consequências muito sensiveis, pode e deve causar, quando mais prolongada, graves perturbações no movimento commercial, nos preços, nos meios de pagamento e nas relações do valor dos metaes. Ora ha uns poucos de mezes que esses trabalhos estão parados, e a estas horas não é ainda facil prever quanto tempo durará a guerra com os boers, e se ao estado francamente belicoso de agora se seguirá logo um regimen de paz, ou se lhe succederá a agitação e a desordem das insurreições e das guerrilhas, com que os trabalhos regulares das explorações mineiras são incompativeis. Em todo o caso é certo que a regularidade d'esses trabalhos levará muito tempo a restabelecer-se. Todos sabem que depois da tentativa de Jameson levou a exploração das minas do Transvaal oito ou dez mezes a reorganizar-se, e perante esse facto de hontem, pode-se afirmar que depois das perturbações certamente mais profundas da guerra actual, que já expulso dos logares da produção os trabalhadores brancos e indigenas, e destruiu meios de transporte de custosa e demorada substituição, terá de durar muito mais longo, mesmo nas melhores hypotheseas, o periodo da interrupção dos trabalhos regulares.

Os effectos d'esta suspensão de trabalhos hão de pezar mais ou menos fortemente em toda a economia publica, porque a falta do ouro do Transvaal, que já no anno passado constituiu quasi um terço da produção total do mundo, e a consequente rareficação da moeda, não podem deixar de trazer aos bancos, ao commercio, á industria e á financia, difficuldades e embarcos. Como se sabe, é a Inglaterra o paiz distribuidor do ouro. E' no mercado de Londres, e não nos paizes produtores, que as diversas nações se abastecem d'esse metal. E' a nação intermediaria, e por assim dizer o entreposto dos metaes preciosos. A maior parte do ouro que sae das minas passa por Londres antes de se espalhar pela Europa. Ora já no anno passado, de 43 milhões esterlinos, quasi vieram-lhe da Africa do sul, e no primeiro trimestre d'este anno melhor se assignala ainda o primado africano, pois que n'uma importação de 7.022.912 esterlinos, entrou a Africa com 4.671.023, tendo assim concorrido para o fornecimento de ouro aos diversos paizes com 66 1/2 por cento da totalidade. Esta percentagem foi anormal, mas quando o mesmo se reduza á de 25 ou 30 %, que lhe cabe em toda a produção mundial, a falta de sua importação insuprivel *deficit*. O valor das moedas d'ouro embandas em 1898 nos diferentes paizes da Europa e nos Estados Unidos, deduzido o das moedas retiradas, pode ser avaliado, em vista dos numeros publicados no ultimo *Marché financier*, em 1300 a 1400 milhões de francos, e remontando-se a mais longe, vê-se que o consumo medio do ouro na amoeiação tem oscillado entre 300 e 600 mil kilogrammas, ao que se devem acrescentar 100 mil em que se calcula o consumo artistico e industrial. Sendo assim, e se se attender a que muitos Estados precisam de ouro para a composição do seu systema monetario, a que os *stocks* dos bancos europeus accusavam no fim do anno passado em relação ao anterior, e a diminuição que se expressa por 25 milhões esterlinos, e a que as despesas da guerra obrigam a importantes exportações d'aquelle metal, pode-se concluir que as necessidades de ouro para este anno hão de ser maiores do que as do anno pas-

sado, e que assim serão precisas quantidades d'aquelle metal de peso não inferior a 450 ou 600 mil kilogrammas. Ora todas as minas d'ouro, incluindo as do Transvaal, que já no anno passado deram 125 mil kilogrammas, e que prometiam: no anno corrente ou no que vem attingir 150 mil, poderiam produzir toda a quantidade precisa, ou ainda excedel-a, mas interrompidos os trabalhos de exploração africana, não chegará a produção total, por mais que ella adiante na Australia e na America, a 400 mil kilogrammas, insufficientes para a procurada d'um grau *deficit* de ouro. A rareficação da moeda, que em tempo de paz poderia não ser facto de gravidade, graças ás modernas artes de saldar contas, mas que em tempo de guerra cria certamente difficuldades de grande monta, por serem menos substituveis e mais procuradas as especies metallicas.

Têm sido sempre temerosas, pela complexidade dos seus effectos, as crises monetarias, sempre mais ou menos directamente provenientes da raridade ou do valor relativo dos metaes. No mercado de Londres já isto se fez sentir, pois havia muito tempo que a prata não soffria as oscillações que soffreu no mez passado. O artigo 15 1/2 é já um mytho para toda a gente da finança, mas o proprio 20 ou 27 não tardará tambem a sel-o, se a exploração das minas do Transvaal fosse interrompida por 3 ou 4 annos, e a produção da prata, que em dez annos tem passado de 3 a 6.000 toneladas, continuasse em augmento, á sombra da paz em que vivem as nações mais produtoras de metal branco. Ora emquanto houver paizes, comprehendidos na vasta rede do commercio internacional, que só empreguem a moeda de prata, todas as variações bruscas na relação do valor entre os dois metaes influem nos preços. O poder comprador do ouro augmenta pela sua raridade, enquanto o da prata diminui pela sua superabundancia. Hoje são precisas mais rupias do que ha um mez para comprar na India as mesmas cousas que então se compravam com uma libra sterlina, e de aqui a outro mez não chegarão talvez as que actualmente bastam. Nos paizes de papel moeda, ou circulação metallica interrompida os effectos são os mesmos. O premio do ouro tem de ser maior, porque nos dois productos trocados, de um lado mercadoria representada por papel, e do outro lado o ouro, só este augmenta de valor. As consequências, que naturalmente resultam d'este estado de cousas, é a baixa dos preços nos paizes de moeda d'ouro, e a alta nos paizes da prata ou do papel, sendo esta baixa igual pelo menos á differença na relação dos dois metaes, ou á do cambio dos paizes de moeda fraca ou simplesmente filiarica sobre os de moeda forte.

Entre os effectos da rareficação da moeda, conta-se, como não podia deixar de ser, o preço do dinheiro, ou a taxa do juro. A guerra do Transvaal, impedindo a vinda do ouro da Africa do sul, fez subir rapida e bruscamente o juro. Ainda ella era apenas uma hypothese, e já o desconto no banco d'Inglaterra pulava de 2 a 5 1/2 %. Hoje está a 6 %, parecendo não haver grandes esperanças de redução proxima, e antes probabilidade de nova elevação. O preço das emissões a prazos do *Treasury Bonds* leva a crer que os banqueiros e capitalistas estão convencidos de que o preço do dinheiro se manterá na alta durante muito tempo, e ao mesmo convencimento leva tambem o facto de só descer 1/4 por cento abaixo do banco a taxa do mercado livre. E' escusado encarecer os effectos d'estes factos na economia publica. Basta lembrar que na sua esphera de acção ficam comprehendidos os preços, o desconto, os cambios, as crises commerciaes e financeiras, todos os phenomenos em summa, a que fagittivamente se tem feito referencia nas linhas antecedentes, para se pôde avaliar a gravidade da situação economica creada pela guerra do Transvaal.

A estas perturbações na economia publica ha que juntar analogas perturbações na economia particular. Os capitães empregados nas minas do Transvaal são importantissimos, e a somma dos dividendos distribuidos aos accionistas que em 1897 foi de tres milhões esterlinos aproximadamente, devia ter sido maior no anno passado, visto que a produção do ouro foi tambem maior, sem que o coefficiente da exploração tivesse augmentado. Alem d'isso começaram a produzir ouro no decurso d'aquelle anno as minas de 64 companhias, que por isso foram consideradas em vesperras de distribuir dividendos, e perante este conjunto de circumstancias todos os horoscopos tirados para o anno corrente e para o que vem fazerem pre d'ivendos ás accções que em 1897 foram inferiores a 4 ou mesmo 4 1/2 milhões esterlinos. Quando a guerra começou, e algumas imaginações phantasiaram que ella se limitaria a um passeio militar em ordem de marcha do Cabo ou de Durban a Pretoria ou a Johannesburg, foram calculados todos os prejuizos nas minas na importância dos dividendos d'um semestre e nos estragos que a guerra poderia causar nos mechanismos e mais utensilios. Hoje a phantasia desfêz-se, e os calculos têm de ser menos optimistas. Os dividendos de um anno estão já perdidos, e antes-se que se poderão perder os de dois. E' portanto certo um prejuizo de 4 ou 2 milhões esterlinos, e provavel o de 3 ou 4, sendo este prejuizo repartido pela França, Inglaterra e Alemanha na proporção de 4, 3 e 2, que é tambem a proporção dos seus capitães no Transvaal.

A esta suspensão de dividendos corresponde naturalmente uma baixa nos valores mineiros. Ha pois a considerar, alem da diminuição nos rendimentos, a diminuição nos capitães. O capital social de todas as minas do Transvaal pouco excede 30 milhões esterlinos, mas a grandeza dos dividendos por um lado, e por outro lado as especulações mais ou menos legitimas, e tambem n'uma grande parte desenfreadas especulações, triplicaram esse valor nominal, elevando-o a mais de 90 milhões esterlinos. O valor nominal da moeda da França possui mais de 40, a Alemanha cerca de 30 e a Inglaterra um pouco menos de 30. Não é facil calcular precisamente a baixa

A conferencia da paz



osto que um pouco já fora de tempo, damos hoje à estampa o grupo dos representantes de Portugal no congresso reunido na Haya, de Maio a Julho do corrente anno.

E que espantosa ironia representa, em face dos acontecimentos que se estão desenvolvendo na Africa Austral, essa ideia sympathica nascida no cerebro do mais poderoso monarcha da Europa! Como esse joven autocrata se deve sentir confrangido ao vêr o resultado pratico que obtiveram os seus generosos esforços!

Estamos persuadidos — para honra de todas as potencias que figuraram n'aquella reunião — que todos os individuos que a ella concorreram iam animados, por seu impulso

natural e pelas instrucções recebidas de seus governos, dos mais sinceros desejos de chegarem pelo menos a um esboço viavel e eficaz da realisacão do sonho do imperador Nicolau II.

Ninguém esperava, nem podia esperar, que alli se decretasse e que todos os governos houvessem logo homologado, o desarmamento completo dos exercitos permanentes, inda assim, e embora tal objectivo supremo não tivesse sido alcançado, forçoso é reconhecer-se que, theoreticamente pelo menos, alguns resultados ficaram assentes, que se desbravou muito terreno, que se semeou uma boa parte d'elle, e que se prepararam bases para ulteriores, mais productivos e mais tangiveis fructos.

Deu-se o primeiro passo em um caminho difficilissimo e cheio de perigos, preparou-se a opiniao publica nos diversos paizes e acordou-se no espirito dos respectivos governos a ideia do mais santo ideal a que a humanidade pôde aspirar. Depois, quando fôr possível apreciar e estudar os trabalhos interessantissimos d'aquelle congresso, quando os protocolos das sessões das commissões e sub-commissões especiaes em que foram divididos os trabalhos do congresso tiverem sido divulgados, porque ainda o não foram, então poderão os governos, os parlamentos, o jornalismo, os homens de sciencia e os politicos fazer a critica do trabalho já feito, analisar imparcialmente e sem sombra de contempções de qualquer ordem as conclusões adoptadas, sancionarem no alto e lucido espirito dos povos o que nessas conclusões houver de bom, e lançar assim as bases para um novo congresso que dê um segundo passo no sentido da sublime utopia — chamemos-lhe por ora assim — brotada no cerebro do egregio e sympathico imperador.

A escolha da capital da Hollanda para a celebração de tão luzido agrupamento de homens eminentes, não podia ser mais feliz. Para discutir assumptos de tanta magnitude não podia ser designada a capital de uma grande e bellosa potencia de primeira ordem; não podia tambem, entre as nações pequenas, escolher-se alguma onde quaesquer ideias de ambicao territorial preoccupassem os seus dirigentes; nem outras em que podesse haver suspeitas de serem exercidas influencias n'um determinado sentido sobre os congressistas.

A Hollanda, paiz socegado, ordeiro, de costumes mores purissimos, com uma historia illustre e um gloriosissimo passado, regido pela mais gentil e joven soberana européa, que merece e possui a fervorosa adoracão de todos os seus subditos, a Hollanda com as suas suavissimas tradições de hospitalidade, estava naturalmente indicada para ser a sede de um congresso em que se iam tratar assumptos do mais elevado interesse universal.

E de como aquelle pequenino paiz se desempenhou da elevada honra que recebeu do consenso unanime das potencias, ahi estão para testemunhal-o todos os homens que tiveram a fortuna de gosar tão calorosa e affectuosa hospitalidade.

A formosa rainha que recebeu os congressistas e lhes deu as boas vindas logo no inicio dos trabalhos, e que quasi



José Ribeiro da Cunha
Secretario da Missão

Cons. Agostinho d'Ornelas
Ministro em S. Petersburgo
2.º plenipotenciario

Cons. Augusto de Castilho
Cap. de mar e guerra
Delegado tecnico naval

Conde de Macedo
Ministro em Madrid
Chefe da Missão

Ayres d'Ornelas
Cap. do corpo de Estado Maior
Delegado tecnico militar

Conde de Selir
Ministro na Haya
3.º plenipotenciario

no fim os reuniu outra vez a jantar no palacio de Amsterdam saudando-os em um brinde geral entusiastico, e depois individualmente a cada um com palavras de agradecimento e de crencça, — os ministros que á porfia timbraram em obsequiar os congressistas com jantares, saraus musicaes e artisticos e diversões de variada natureza, — os jornaes que sempre se esmeraram em cumprimentos amigaveis aos representantes das potencias, — e finalmente o povo que recebia os delegados em toda a parte com frisantes demonstrações de respeito e de affectuosa curiosidade, especialmente nas grandes solemnidades em que os acclamava estrepitosamente, todos emfim desempenharam nobremente a sagrada missão que á Hollanda havia sido imposta para a reunião do congresso.

Salvo algumas excepções — que sempre se dão em reuniões tão numerosas — estiveram no congresso da Paz algumas das individualidades mais conspicuas e eminentes na politica, na diplomacia, nas sciencias sociaes, na magistratura, nas lettras, na força armada de mar e terra de mais de trinta potencias da Europa, America e Asia. Todos alli

se reuniam na sala monumental e artistica do historico palacio real *Huis ten Bosch* cercado de arvoredos silenciosos de lagos encantadores, de plainos de relva de um verde risonho, tudo na plena exuberancia da mais formosa e seductora estacao de todo o anno, e de molde a inspirar salutarmente os representantes das potencias no grave problema da paz.

O congresso da Paz que reuniu na Haya perto de 150 individuos estrangeiros, trouxe durante algum tempo aquella pittoresca, original e tranquilla cidade uma desusada animação que contrastava com a pacatez suave dos seus habitantes permanentes. Os principaes hoteis onde se aposentaram os delegados, o *Vieux Doelen*, o hotel des Indes, o *Belle Vue*, o *Kurhaus*, o *Witte Brug* e ainda outros ostentavam ufanos nas suas janellas as bandeiras das variadas nacionalidades dos seus hospedes, o que dava á cidade um tom de gala que ella em geral não tem.

Durante esses risonhos mezes do verão passado, em que esses 150 individuos de tão variadas nacionalidades, deixando lá fóra ideias de supremacia politica e de arrogancia de raças, se empregavam de alma e coração ao estudo do sublime problema que lhes era apresentado, iam-se comtudo acastelando grossas nuvens precursoras de tormenta para os lados da Africa Austral.

As diligencias britannicas para exigir do governo do Transvaal direitos politicos para os residentes estrangeiros, que estes aliás não pediam, iam-se já desenhando sob um aspecto pouco animador e fariam antever a possibilidade de um desenlace fatal. E ainda assim, quem havia de dizer então, que, menos de tres mezes decorridos depois do encerramento dos trabalhos e esforços pacificos do congresso, devia ouvir-se o grito de guerra no Transvaal e incendiar-se pavorosa, sinistra e destruidora a mais espantosa, iniqua e encarnicada explosão de odios que jamais tem sido presenciada no nosso globo.

Para se chegar a este resultado pratico, não valia realmente a pena ter-se trabalhado tanto theoreticamente no sentido opposto.

Deus illumine os dirigentes das duas potencias em luta, e faça com que a Gran Bretanha desistindo de ambições que a não tornam sympathica, reconheça nobremente o seu erro e restitua ao honrado governo do Transvaal a independencia absoluta que pretende usurpar-lhe. O primeiro passo reconhecendo as pequenas republicas a qualidade de liberagentes está dado já.

AUGUSTO DE CASTILHO.

PORTUGALLIA

HA pouco tempo que começou a publicar-se no Porto uma revista scientificas, cujo programma, apresentação e intuíto merceriam uma séria e demorada attenção da parte de um publico que mais se interessa pela historia do seu passado, e pelos factores qua, através dos tempos condicionaram a sua existencia historica.

Quasi sem previo reclame, fazendo apenas realçar sobre o fundo côr de pálida da sua capa o rubro titulo de *Portugallia*, ahi appareceu nas virgines, primeiro de typographia e equalanço-se com os primeiros nomes da nossa vida intellectual, n'essa confidada e candura de quem vem para um nobre fim avigorado por uma grande fé.

Sahida do arido puro de uma sociedade entusiasta, cujo sagaz e ardente labor já se adestara na toana publicação de cinco volumes da nobre *Revista de Sciencias Naturaes* que tem sahido entre nós, a *Portugallia* apparece, logicamente, n'este periodo historico que faz crises na vida das nações, em que, a um parto e tumultuario cosmopolitismo, succede o canico local das fecundas correntes nacionalistas.

Tomando por divisa o severo e carinhoso timbre do Príncipe Perfeito, *Pala grey*, indo buscar ao passado os dispersos elementos que n'esse prodigioso galda da nossa historia se amalgamaram para fazerem o Portugal de hoje, pegando no facto e brevemente e levando o pelas edades fóra a explicar idas instintivas e apagadas costuras, estendendo a terra, o producto, os habitantes, a casa, — o intuito dos valores repates que se aventuraram a tão levantada empresa, revele-se não só de uma altivola significação moral, mas, e das formas do esforço portuego, uma das mais radicalmente uteis e lagrimaveis patrioticas.

Os nomes dos seus redactores, desconhecidos do grande publico, são já de longe familiares a essa minoria discreta e persistente, que, como o grande Goethe, surdo, no seu retiro de Weimar nos clamores da

bilidade que é a pedra de toques em estudos desta natureza. Tenaz arremetido-se com a tranquilla convicção de um destino a cumprir, levará sua tarefa até ao fim, porque se impoz a si mesmo lezo como um dever.

O nome de Rocha Peixoto pôde dizer-se consagrado, desde que se falle em factos que expliquem a terra portuega. Porque a *Terra Portuguesa* é o titulo do seu livro, livro em cujas paginas com carinhoso enlevo conta o Solo, o Povo, o Costume, a Tradição, tudo isto narrado d'um modo lezido em assumptos que se afugaram aridos, n'uma phrasa cheia de pittoresco e de velada ironia. Inquieto batalhador, desde que nos vinte annos (clade em que todos somos D. Quixote) egremiu contra o Museu Municipal do Porto, nunca mais largou a sedução do seu sonho, e, amando a sua patria, provou o com a sua sempre sagaz seriedade de esforço.

Fonseca Cardoso é de uma adoravel e obscura heroida le. Calculando, medindo, espedeando as proprias dizes, não fraqueja, não é amargo, risonhamente mede, espedeando a calcula. No labor de um grande musen de anthropologia, seria um consagrado, todos se iriam aproveitar do seu persistente esforço, com a sua valiosa documentação.

Em volta d'estes tres nomes, como sua radiosa equipagem de galao, agrupa-se o que, fronteiras a dentro, obscura ou nomeadamente se occupa de Historia ou de Ethnographia, de Anthropologia ou de Linguistica, de Sciencias Literarias ou de Jolligues.

Já no 1.º numero vem Martins Sarmento com um notabilissimo artigo sobre a civilização miscanea em Portugal, estudo de longo e detalhado intervezo, cujas conclusões de proto-historia fariam a fama de um sabio e o orgulho de um estalio. Alberto Sampaio, sagaz rebucador da nossa primitiva vida agraria, lá traça um magallino trabalho sobre as villas do norte de Portugal, reconstituindo a existencia rural do passado com os raios elementos de uma parca documentação, mas enchendo lucidamente as lacunas com a interpretação dos persistentes costumes que sobreadam ainda hoje ás tumultuarias revoluções da nossa

vida politica. O sabio benquisto Adolpho Coelho insere um bello estudo philologico sobre pe-lagica regular; e dos redactores da *Revista* vem estudos de Anthropologia, como esse trabalho de Fonseca Cardoso sobre o mihioto de entre o Cavado e Vouga, de Rocha Peixoto *Os palheiros do littoral*, observação cheia de pittoresco sobre a construção da casa no terreno saesiodico das dunas, alem de notas, communicações, biographias, memorias.

E n'este luminoso caminhar arrancará da vida nacional tudo que sirva a explicar-lhe a remota origem, a evolução, estado e ethnia, o monumento, fixando os caracteres anthropologicos e seus elementos formativos, os recursos do solo, a luta da raça para a preponderancia do typo, as razões intimas da sua ethica, das suas industrias, da sua vida religiosa.

Ferará, pois, um grande musen em que o País ficara documentado, não com as etiquetas inertes de uma catalogia arida, mas superiormente tamado por uma critica lucida para o que concorre tudo o que o cerebro portuego possui de mais altamente e entusiasticamente a nossa civilização.



Ricardo Severo

espéria sapoleonica, fazem creer ainda n'algum insensado prodigio d'um vibrante despertar.

A *Portugallia*, de que é director Ricardo Severo, redactor em chefe Rocha Peixoto, e secretario de redacção Fonseca Cardoso, não representa o producto ephemero de um impeto moço, destinado a sumir-se fido um rapido titoleo de rhetorica meridional. Outra e mais segura rota se desentilha nos autolecos timoneiros da brilhante publicação.

Ricardo Severo, engenheiro distincto, um dos fundadores da *Sociedade Clara Ribeiro*, familiarizado desde ha muito com o estado das sciencias naturaes, sahio-nos, aos 30 annos, com uma notavel critica ao livro de Curtallhae sobre as *Edades Prehistoricas da Peninsula*, revestido já d'esta serena e erudita pro-



Rocha Peixoto



Fonseca Cardoso

THEATROS



D. AMELIA

DE

S. CARLOS



GYMNASIO



D. MARIA II



AVENIDA



TRINDADE



PRINCEPE REAL

LISBOA

Arg. P. 1911



RUA DOS CONDES



THE CAESAR



RATO



COSTAS DOS REACTIVOS

OS EMPREZARIOS

(APONTAMENTOS)



JOSÉ PACINI
Do Real Theatro de S. Carlos

apresentado citaremos: Eva Tetradini, Armida Parisi, Ferrari, Mario Anoua, De Lucia, Garulli, e outros, e artista como Sarah Bernhardt e Réjane.

Desde o começo da sua gerencia tem-se representado as seguintes operas novas: *Mario Weller*, *Serrano*, *Nemaco e Dalila*, *Werther*, *Sapho*, e para esta epocha annunciannos a *Bibiana*, de Leonvallo, e a *Fedora*, de Giordano.

O theatro de S. Carlos foi inaugurado na noite 30 de junho de 1793. Fôra construido por mandado dos espiatistas: Joaquim Pedro Quintella, Anselmo José da Cruz Sobral, Jacintho Fernandes Bandeira, Antonio Francisco Machado, João Pereira Caldas e Antonio José Pereira Solla, segundo o risco feito pelo architecto José da Costa e Silva, copia do theatro de S. Carlos de Naples, que ardeu em 1816. O theatro foi construido apenas em seis mezas, e importou em cerca de 160 contos de réis.

Em 1854, a propriedade do theatro passou para o Estado. O theatro tomou o titulo de S. Carlos em homenagem á princeza D. Carlota Joaquina.]

S. Carlos.

Um empresário moderno, n'um theatro antigo, José Pacini, filho do antigo empresário de S. Carlos, Pedro Jorge Pacini, concorreu á adjudicação de S. Carlos, em 1897, em luta com Freitas Brito. E' empresário, pois, apenas ha 3 annos. A sua gerencia não pode ter sido máis prospera, e mais auxiliada pelo publico. As assignaturas ordinarias, extraordinarias e supplementares foram sempre completamente cobertas.

Entre os cantores notaveis que tem

A construção do theatro de D. Maria foi difficilissima, não pela parte material, mas pela serie de difficuldades que foram apparecendo nas estancias officinas de que dependia a construção d'um theatro por conta do Estado.

Foi o conselheiro Larcher, governador civil de Lisboa, quem em 1836 tratou de formar uma associação para a construção do Theatro Nacional. Passou Manuel, então ministro do reino, incumbiu Almeida Garrett de fazer o plano para a formação d'uma sociedade para edificação do theatro, e para a criação da Arte Dramatica portuguezas.

Garrett apresentou logo o plano, em seguida foi escolhido o cainco do Rocio para o theatro escola, as despesas foram orçadas em sessenta e cinco mil cruzados, e o architecto Luiz Chiari foi encarregado do plano da obra. Este plano não foi approved pelo governo, que mandou que os lentes da Academia das Bellas Artes apresentassem outro plano.

Os acontecimentos politicos não permitiram que se tratasse d'esse assumpto, e até 1838 ninguém mais pensou no Theatro Escola.

Por fim, depois de muitas complicações, de que nos não permite fallar o pouco espaço de que disponho, tendo sido nomeado inspector do theatro o conselheiro Larcher, foi começada a construção do theatro pelo architecto Francisco Lodi, em 7 de julho de 1842.

Foi definitivamente inaugurado em 13 de abril de 1846, para festejar o aniversario da Rainha D. Maria II.

Representou-se n'essa noite o drama em 5 actos, *Alvaro Gonçalves*, e *Marquês e Os Doze de Inglaterra*, original de Jacintho Heliodoro de Faria Aguiar de Loureiro. Nas primeiras recitas houve bastante patada, não tanto por causa da peça, como por causa do desempenho.

D. Amélia.— Propriedade d'uma empresa composta pelos srs. visconde de S. Luiz de Braga, Antonio Ferreira Ramos, Guilherme da Silveira e Celestino da Silva, foi inaugurado em 23 de maio de 1864.

Das seus empresarios o que mais directamente está encarregado da parte tecnica é o visconde de S. Luiz de Braga, cujo profundo conhecimento do assumpto foi indicada naturalmente para gerente d'uma empresa d'esta ordem.

O visconde de S. Luiz de Braga, nasceu no Rio Grande do Sul, Brazil, de paes portuguezes. Depois de fazer parte da empresa do theatro Recreio Dramatico, do Rio de Janeiro, organizou uma companhia com que percorreu o Brasil, associando-se depois com Celestino da Silva n'algumas empresas.

Fuzados annos veio para Lisboa, e organizando a empresa de que fallamos, construiu o theatro D. Amélia.

As suas excepçoes qualidades e o conhecimento



CARLOS POSSER
Gerente da Sociedade Artistica do theatro de D. Maria II.

Os primeiros empresarios do theatro foram Francisco Antonio Lodi e André Lenzi.

D. Maria II.— Por decreto do governo foi de-

que tem 7 de assumptos theatraes, alliasas ao arrojado e ao desinteresse verdadeiramente extraordinarios, fizeram d'elle um empresário benemerito, que tem trazido a Lisboa



JOSÉ JOAQUIM PINTO
Do theatro do Gynnasio Dramatico

qual todas as notabilidades do estrangeiro, proporcionando ao publico e vlr representar artistas como Sarah Bernhardt, Duse, Granier, Hading, Novelli, Emmanuel, Antoine, etc., etc.

O theatro D. Amélia foi assim denominado em honra de Sua Magestade a Rainha D. Amélia, e foi inaugurado, como dissemos, em 22 de maio de 1864, anniversario do comercio de SS. MM. El. Rei e Rainha.

O theatro foi estreado pela Companhia de operetta italiana Garzuno, representando-se a opera comica *A Filha do Tambor-Mór*.

A construção do theatro começou em 1863, sob a direcção de Luiz Eugénio Reynaud. Da direcção foram encarregados os scenographos italianos Rossi e Manini.

N'este theatro tem trabalhado, principalmente, companhias estrangeiras.

Ha dois annos, porém, que a companhia portuguezza Ross e Brazão está explorando o theatro, cedendo apenas o logar ás notabilidades estrangeiras.



AFFONSO TAVEIRA
Do theatro da Trindade

terminado ha dois para tres annos que o theatro D. Maria II fosse po-to a concurso. Entre os concorrentes appareceu a Sociedade Artistica que actualmente o explora e de que é gerente Carlos Posser.

Compete-lhe pois o logar entre os empresarios, como lhe compete entre os actores e os ensaladores. E entre elles todos Posser se distingue pelo seu conhecimento das cousas de theatro; entre os actores, pela sua grande correcção, pelo seu alto valor e pelo modo consciencioso como interpreta os papéis que lhe são confiados; entre os ensaladores pela sua excellente percepção do gosto do publico, do valor das situações das peças e do modo de tirar partido d'ellas.

Depois de durante muito tempo representar em companhias de amadores, entrou para a companhia de D. Maria, contratado por José Carlos dos Santos, o grande Santos, que então era empresário d'aquelle theatro. De então para cá tem representado em quasi todos os theatros de Lisboa, tendo dirigido tecnicamente, os theatros dos Recreios, Rua dos Condes, Principe Real, Trindade e agora o de D. Maria.



VISCONDE DE S. LUIZ DE BRAGA
Do theatro D. Amélia

Trindade. — É actualmente um empresário Afonso dos Santos Taveira, actor apressadissimo, empresário intelligente, e trabalhador como poucos.

Depois de ter representado em sociedades de amadores estrocon-se ao Porto como actor a um papel sem importancia da peça *Lago de Klorozny*.

Foi empresário do theatro do Principe Real, do Porto, e ha um anno veio para Lisboa explorar o theatro da Trindade, com uma companhia de opereta, das mais completas que ultimamente tem apparecido.

Arrojado como poucos, tem organizado companhias para *tournee*, que tem alcançado successos e lucros importantes.

ÉF O theatro da Trindade foi inaugurado em 30 de novembro de 1867, por uma empresa, cujo director era Francisco Palha, que d'elle tomara a iniciativa auxiliado pelos capitães de Francisco e Fortunato Chamisso, Duque de Palmella, Frederico Ribeiro, Oliveira Machado, Freitas Guimarães, Ribeiro da Cunha, Antonio Thomas Pacheco e outros.

A construcção do theatro foi entregue ao architecto Miguel Evaristo.

O espectáculo de abertura foi o drama em 5 actos, *O juiz das pedras*, original de Ernesto Bisler, e a comedia em 1 acto, *O Xerez da Freixoalense*, traducção de Francisco Palha.

Theatro do Gynmasio. — É de ha muitos annos explorado por José Joaquim Pinto, um dos mais antigos, sendo o mais antigo, dos actuaes empresarios portugueses. Pinto é empresário desde 1860, anno em que, associado com o Santos Piterra, o grande actor, comegou explorando o theatro do Principe Real. Sempre associado com o actor Santos, tomou o theatro de S. D. Maria, no concelho de 1876, passando depois para o Gynmasio, e em seguida para a Rua dos Condes.

Passados alguns annos separou-se dos Santos, ficando sozinho com a empresa do theatro da Rua dos Condes, até 1881, em que de novo tomou a empresa do theatro do Gynmasio, que ainda conserva, explorando o theatro desde essa epocha, sempre com a mesma companhia, salvo ligeiras alterações.

Pinto é um empresário intelligentissimo e muito estimado.

As theatro do Gynmasio estão ligadas as mais gloriosas recordações do theatro portuguez. N'elle se estrocon e n'elle representaram as mais refulgentes glorias dramaticas portuguezas.

Escrever a historia d'este theatro é escrever a historia do Theatro Portuguez. É, um artigo especial, brevemente, um dos nossos colaboradores terá interessantes notas sobre o Gynmasio. Nós limitamo-nos a apontar:



LUIZ RUAS
Do theatro do Principe Real

Theatro da Rua dos Condes. — É actualmente explorado por uma sociedade artistica de que é gerente Antonio José do Valle, o Valle, o impagavel, o divertido Valle.

Como empresário é o que é como actor: de primeira ordem.

Valle estrocon se no theatro das Variedades, a uma comedia em 1 acto *Um parchoo virtuoso*, passando logo para o Gynmasio, onde se estrocon na comedia *Prodigos e Economicos*. Depois foi para o Brasil, onde se conservou muito tempo, voltando por fim para Portugal, em 1880, trabalhando no Principe Real, a uma companhia dirigida por Sousa Bastos. Passados mezes foi para o Gynmasio onde se conservou até ha quatro annos. Actualmente dirige a empresa do theatro da Rua dos Condes, onde como actor e ensalador brilha... como sempre.

Aqui está o theatro de que é impossivel falar em poucas linhas. Nem mesmo tentamos fazel-o, reservando para artigo especial o fallar do theatro mais antigo de Lisboa, ou antes do theatro que conserva o mesmo titulo e tem os mesmos alluceos do theatro mais antigo de Lisboa. O moderno foi construido em 1888, sendo inaugurado em 23 de dezembro do mesmo anno, com uma allegoria de Bapista Machado, *Hontem e Hoje*, que não agrada.

Principe Real. — É seu empresário, desde 1892, Luiz Ruas, que somou conta da empreza por morte de seu pai Francisco Vianna Ruas Junior e de seu tio Julio Ruas. É um empresário muito intelligente, que dirige com profundo acerto aquella casa de espectaculos, conservando o nas tradições do mais popular theatro de Lisboa.

O Principe Real foi inaugurado em 25 de setembro de 1893.

Foi Francisco Vianna Ruas quem o construiu e explorou, depois de no mesmo local haver explorado uma saloes, onde dava bailes de mascaras.



JOSÉ ANTONIO DO VALLE
Do theatro da Rua dos Condes

Na fundação do theatro teve como socio o actor Cesar de Lima, que foi quem formou a companhia. O theatro denominou-se Principe Real, por n'esse anno ter nascido o actual rei D. Carlos, primeiro filho de D. Luiz.

Rato. — É seu empresário o sr. Henrique Barata, que já por varias vezes esteve dirigido as emprezas theatras de alguns theatros de Lisboa, entre elles a do Avenida, ha 7 ou 8 annos.

É um empresário muito intelligente que, conhecedor como é do gosto do publico que frequenta o seu popular theatro, lhe está fornecendo peças que alcançam successos enormes.

O primeiro theatro que se construiu na quinta do Ferreira foi o das *Variedades*, em 1860, que ardeu alguns annos depois. De estuo para est, já dois ou tres foram construidos e demolidos. O que actualmente existe é em madeira e foi construido ha dois annos.



PEPA RUIZ
Do theatro Avenida

Em 1846, no sitio onde hoje é o theatro do Gynmasio, existia um barraco servindo circo de cavallinos.

Manuel Machado, propoz ao empresário d'esse circo a construcção de um theatro, no mesmo sitio, e em 17 de maio de 1846 inaugurava-se o theatro do Gynmasio Dramatico, c.o.c o drama *Os Fabricantes de moeda falsa*, original de Cesar Perini de Luca. N'essa peça e n'essa noite se estrocon o grande Taborda, a mais para gloria do theatro portuguez. Da companhia tambem fazia parte Emilia Candida.

Colyseu dos Recreios e Real Colyseu. — Santos Junior... está um nome que todos conhecem, um homem que todos apreciam, e um empresário que todos admiram. Tem um tacto administrativo excepcional; ninguém como elle dirige as emprezas, ninguém como elle sabe escolher companhias para os circos de que é empresário. Trabalhador e activo como pouco, empreendedor e diligente como pesquisissimo, Santos Junior dirige os dois Colyseus d'um modo brilhante.

O Colyseu dos Recreios é a maior casa de espectaculos de Portugal e uma das maiores do mundo. Foi começada a construir em 1888, segundo



SANTOS JUNIOR
Colyseu dos Recreios e Real Colyseu



HENRIQUE BARATA
Do theatro do Rato

o risco do architecto Goulard e sob a direcção de Manuel Garcia Junior. Foi inaugurado em 1891, com uma companhia de operetta italiana, que represento o *Boccaccio*.

Ha quatro annos foi arrendado por Santos Junior, que tem explorado com grande exito companhias de circo, e uma ou outra de opera e operetta.

Real Colyseu. — Foi inaugurado em 24 de dezembro de 1887, com uma companhia equestre e acrobatica.

Foi construido por uma empreza de que eram directores Santos Junior, Henrique Dias e Alexandre M's.

Actualmente trabalha n'este Colyseu uma companhia de operetta, que explora revista, magias e operetas, com grande exito.

Nos primeiros annos explorou essa empreza companhias equestres, acrobaticas e comicas, organizadas por Henrique Dias, que de ha muito trazia a Portugal as melhores companhias no genero.

Foi no Real Colyseu que primeiro foram apresentados artistas que ainda hoje constituem verdadeiras notabilidades e que depois tem perccorrido todos os circos do estrangeiro.

THEATROS

Theatro de S. Carlos A Réjane



Em que peço os entusiasmos mais o seu extraordinário processo de representar, que parecia a ausência de todo o processo?

Responder a esta pergunta equivalia a decifrar o indecifrável. Não temos o errado costume de confundir o genero, da peça ou da personagem creada pelo auctor, com o genero de trabalho feito pelo artista.

Assim diz-se que cede a Réjane a melhor arte na *Zaza*, como do Novelli se dizia que o seu melhor trabalho é *O Papa Leonnardi*, como se

diz que a corça da Sarah é a *Dama das Camélias*.
E' um erro, da primeira observação se desfaz. O que é melhor não é o trabalho d'elles, é o papel. E' a figura por elles interpretada que reúne todos os elementos, todas as condições, para pôr em relevo ou os nervos, ou o poder de analyse, ou a linha geral, ou a delicadeza do detalhe, ou os arrebatamentos do amor, ou a

violença da paixão ou as explosões do odio.
Quantas vezes o escriptor dramatico, de maior estofa que elle seja, traça a sua personagem, delicia-se, dá-lhe corpo, dá-lhe alma, completa-a, para exclusivamente a ir confiar a um determinado artista?

E, então, por tal forma se fundem e identificam o auctor e o interprete, que d'ahi o erro vulgar que acima apontamos, porque quem está em foco perante os olhares para elle assentados, sem cujo auxilio as respirações, confranger-se o coração, abrir os labios n'um sorriso, quem triumpho, quem arrebatada, quem domina, é o artista, é só o artista! E d'ahi tambem a injustica frequente de deixar passar em claro, ou pelo menos sem o consignar com as homenagens a que tem direito, o escriptor, aquelle que fornece a materia prima, aquelle sem cujo espirito creador, sem cujo empenho, sem cujo *savoir faire*, searian na sombra as grandes qualidades do actor, por maior que elle fosse.

Foi sem duvida na *Zaza* que o excepção talento da Réjane mais entusiasmou os espectadores, porque na sua vasta galxia ella não tem de certo personagem em que mais possam vir a superficie, brilhar, emocionar, os seus recursos de actriz. De *Ma Cousine* até *Madame La Valette*, vinol-a percorrer toda a escala que vai da comedia hilarante ao drama pungente. Nunca em papeis tão diversos a vimos descer, nunca a vimos áscua da sua responsabilidade, nunca lhe áscua da sua inferioridade, em interpretações tão dissimilantes. A verdade, a realidade objectiva, que deve ser o ideal de toda a arte, nunca a Réjane deixou de a encontrar, empregando o mais difficil de todos os processos, que parece o mais facil, porque se traduz em apparença a suprema naturalidade. As musicas picantes de *Ma Cousine*, as adoráveis *paquerias* da marchala Lefebvre, os gritos dilacerantes e o conceito da loucura da *La Valette*, o amor despedido e vehemente da *Sapho*, as graças captivantes e sublis da *Parisienne*, o sorriso petulante e os caprichos parisienese da *Cyrianna*, todas estas modalidades do sentimento e da arte, ninguém melhor que a Réjane as exprime e traduz no seu processo de representar, naturalista como a natureza, realista como a realidade. Reunam os que a não viram todos estes recursos de

observação e de presciencia, esta comprehensão infinita da verdade a este poder de a exteriorisar e reproduzir, esta graça na *passimete*, esta correccção nas attitudes, esta força suggestiva no dizer e no gesticular, sem que a phrase d'effeito, o dito que perturba, ou provoca o riso ou a lagrima procurem ser annunciados ou sublinhados com inflexões propositas, esta facilidade de revelar o amor através de manchas negras do passado, esta ternura delicada que não vai até á lagrima mas que faz adivinhá-la, esta arte, este encanto, esta maravilha, e terão a Réjane na *Zaza*.

Agora sim, agora que nós a vimos todas as noites inoxidaveis, que o seu talento nos dominou pela maior grandezza na maior simplicidade, agora é que nós comprehendemos bem que ella seja no theatro a musa por excellencia do naturalismo, que ella, na sua arte subjuguadora e singela, complete e realce a obra do escriptor dramatico, dê força e vida á innovação que elle procura inspirar, e crie-lhe, com a sua poderosa colaboração, admiradores e proselytos.

D. Maria

o Frei Luiz de Sousa

Deficientes são todos os louvores com que se celebre a iniciativa d'aquelles que reasuscitaram n'um palco portuguez a obra prima da arte dramatica nacional. Nem de outra hypothese se carecia para justificar os applausos quentes e effusivos com que o publico d'estas noites tem festejado os artistas de D. Maria.

Merecem n'os, são justos. Abalançaram-se a uma empresa em que podiam desastrosamente sosobrar. Crearam uma responsabilidade com elleos mesmos, e um compromisso com um publico, que bem podia esmagal-os. A possibilidade de uma derrota não podiam deixar de prevel-a, e affrontaram o perigo. Nem de mais argumentos se faz mister para que, passei para esta colunna o applauso que no theatro lhes não tem sido regateado.

E se já exige recursos poderosos, condições excepçoes, a interpretação das personagens da historia, grandes e typicas, que atravessam o drama lancinante de Garrett, a arrojada empresa de lhe metter hombros, de reviver em scena essas figuras que já emocionaram outras gerações, agrava-se e avulta ao pensar-se em confrontos não raro perigosos, ao saber-se que as figuras primicias do theatro portuguez já tinham comprehendido e interpretado as personagens evocadas e redividas pelo genio de Garrett.

Os que n'um periodo de quarenta annos se tem d'essa ardua tarefa desempenhado

não os vimos nós, e o que a tradição nos trouxe nos pertubra o pensar nem nos tolhe a imparcialidade em dizer o que sentimos.

E' certo que dramas como o *Frei Luiz de Sousa*, obras primas consagradas, nunca, quaesquer que sejam os artistas que os interpretem, realçam na execução, na arte que lhes dá vida ephemera no palco, o ideal que formamos, á simples leitura d'ellas, dos seus lances patheticos, das suas figuras tragicas, do seu poder de revivencia, do original encanto da sua linguagem, tão portugueza e tão suggestiva.

Não se melindrem, portanto, feita esta declaração previsa, os mais recentes interpretes do drama garrettiano, porque temos a franqueza de dizer n'este logar que não está para nós realisado o ideal que o nosso espirito phantastico para a reprodução em scena das figuras que se movem n'esse curto e pungitivo trecho de historia portugueza.

Mas serão por isso menos publicos e menos sinceros os nossos louvores? Não realisou a actriz Virginia, com muito sentimento, com muita nobreza, com muita coherencia e a magoada, a grave, a inconfundivel figura de Magdalena de Vilhena? Não teve Fosse o arrebatamento toloso e a resignação christã, o amor, a angustia, que torturou o coração de Manoel de Sousa Coutinho? E Telmo Paes? Deixou Ferreira da Silva de nos dar a impressão do caracter leal, da honradez exemplar d'esse velho escudeiro de uma casa nobre e desditosa? A presciencia, a agudeza de espirito, a facilidade, apurada pela tatica, de ver ao longe, de adivinhar o passado e prever o futuro, a dôr moral, consumptiva e irremediavel, todo o sentimento do sentimento, de todos que atravessa o coração da filha de Magdalena de Vilhena, não vibra na interpretação de Delphina Cruz? E enfim, apesar de um nome modesto, não se excedeu Galvão a si proprio no papel doromeiro D. João de Portugal? E Augusto do Mello? Na marcação, no metter em scena, no dirigir das figuras, no arrefreio de todos os momentos constitutivos de exito, pode exigir-se mais de *savoir faire*, que tudo aquillo porque Augusto de Mello foi chamado ao palco e applaudido com o mesmo fervor que os interpretes de *Frei Luiz de Sousa*?

O rigor historico com que está posta em scena a obra do grande escriptor nacional abona e justifica o merito consagrado de Manoel de Macedo, e todos os trabalhos de scenographia são de uma tal grandezza de concepção, riqueza de pormenores, e brilho de execução artistica, que bastariam para aquilatar o talento de Manil, se elle não fosse de ha muito reputado um dos maiores scenographos da Europa.



Réjane e seus filhos (na sexta actriz)



Scene final do 2.º acto da Madame Sans-Gêne

JAYNE VICTOR.

D. Amélia

Fromont & C.

Foi esta a segunda peça nova, dada esta época pela companhia do theatro D. Amélia, e faltariam a verdade se não dissessemos que ella foi judiciosamente escolhida. Entretanto, este drama, extrahido por A. Daudet e A. Belot d'esse adoravel romance que é, *Fromont jeune et Rieter aîné*, resente-se dos defeitos fatalmente inherentes a toda a obra theatral, extrahida d'um romance.

No romance o auctor, á vontade e desafogado, podendo jogar com multiplos elementos, dispozo da facilidade de detalhar cuidadosamente os assumptos e as situações, e deochoira como melhor entande, pôde e sente, a emoção ou a these que se propoz frisar; e se todo este conjunção e harmonico trabalho de invenção e analyse se pretende depois adaptar ao theatro,ahi hade ser logo modificado e restricto do modo a caber no apertado ambiente da scena, o que obriga a supprimir personagens e ali gear e esfumar situações, em prejuizo tanto do alcance moral como da belleza esthetica da obra.

O drama *Fromont & C.* é mais um exemplo d'esta deficiencia. Ha ali lacunas grandes, não só quando comparamos a peça com o romance, mas em absoluto mesmo. Algumas das scenas mais encantadoras do romance, mesmo o seu bello final, não apparecem; e, peor do que o mais, todas as gradações do progressivo grau da influencia, tão logica e humanamente descriptas no livro, que a degenerada *Sidonia* exerce no coração de *Fromont*, na peça deochoira todas entre bastidores, no intervalo do 3.º para o 4.º acto, explaining depois de repente o drama, sem explicações nem preparo, perante o espirito mal disposto do espectador.

Entretanto, a peça abunda no que a convenção resolveu designar por "situações theatraes", e nómbrando os dois ultimos actos dispõem de sobejas condições para captivar o publico.

A traducção, do illustre escriptor sr. Ramalho Ortigão, é valentissimo e irreprehenivelmente feita.

O desempenho está inteiramente á altura da companhia do theatro. Augusto Rosa, no sobribo papel de *Delvalle*, o velho actor com exclusiva obsessão da gloria, tem direito a registar mais uma das suas brilhantes creações; Brazão e João Rosa, o honrado e leal *Rieter* e o corrupto *Fromont*, conservam-se rigorosamente dentro dos respectivos personagens; Rosa Damasceno, a *Zizi* do romance, foi adoravel, como sempre, sublinhando de graça e detalhando admiravelmente o seu papel. E estreou-sefflão n'esta peça, no papel de *Sidonia Chôe*, tão complexo e tão difícil, uma actriz nova, Georgina Pinto, que arroubriosamente, forga á dizel o, com as responsabilidades não pequenas da tarefa. Raras vezes n'uma estreia se manifestam tantos dotes reunidos. Qualidades physicas possui-a magnificas. E quando, pelo uso da scena, venha a perder o que quer que seja de inteiriço, qualidade inevitavel n'uma debutante, a nova actriz deve dar nos valiosos e empolgadores documentos da sua arte e do seu valor.

Trindade

O relógio magico

Ha muito tempo não vemos em theatro portuguez peça com tantas condições para agradar e fazer carreira. É interessante, original até certo modo, dentro da linha geral das magicas, escripta em linguagem despretenciosa e clara, cheia de ingenhos trocadilhos e ditos de espirito, em que á farta se revela a chocadeira veia comica de Eduardo Garrido, que imitou a peça do inglez; e o scenario é apparatuso a mais não poder ser; e, como se tantas condições de agrado ainda não bastassem, luxuosamente enquadra de sentimento, e insinuá deliciosamente no ouvido toda a peça, a mais encantadora, leve e perfumada musica que é possível imaginar-se, producto da rara emotividade e phantasia, superfluo será dizel o, de Cyriaco de Cardoso.

Toda a accção da peça deochoira sobre os esforços que o principe *Diavolino* faz para reaver um relógio, precioso talisman que o haviam dado aos *Horos*, e para evitar que o camponez *Bonifacio*, que o tinha encontrado, lhe dê corda, com o que finalisaria todo o seu poder. Esta lucta dá lugar a um sem numero de visualidades, peripetias e embroglis, alguns engraçadissimos.

Um superlativo, o de gentilissima, por equal mercede, no desempenho, Rosa Paes, que n'este papel de *Diavolino*, o de maior responsabilidade da sua carreira artistica, se houve galhardamente, com uma desenvoltura, intelligencia, finta e graça superiores a todo o elogio. Analogamente, Theresza Mattos (*Faribundina*), foi uma tuda com toda a pose, brilho e exigencias plasticas do papel. Santinhos (*Bonifacio*) conseguiu



Scenário do 2.º acto do Frei Luiz de Sousa
(Theatro de D. Maria)

delir, com a sua verze popular e facil, a linha por vèzes tediosa e fatigante do personagem. Queiroz e Augusto, muito bem, em pequenos papeis, inferiores ao seu merito artistico. O mesmo diremos de Carmen Cardoso, Rentini, etc.; denotando se bem em tudo isto a mão de mestre de Afonso Taveira, o imitativo ensaiador.

A. B.

Príncipe Real

A dama de oiros

Versão portugueza, e muito candeida, feita por Faustino da Fonseca, d'um complicado drama que Decourelle por seu turno *arreglára* d'uma peça inglez celebre, *Fatal card*. Este drama, como em geral todas as composições inglezas de natureza dramatica com o comico, transmitindo uma variada e alterna successão de impressões ao espectador. Não obstante a violencia de muitas das situações, não pôde dizer-se a contextura da peça inverosimil, se exceptuarmos talvez o 4.º quadro. E o conjunto está bem urdido e tem realmente interesse.

No desempenho salientam-se Ernesto do Valle, Machado, Pato Moniz e Rosa d'Oliveira.

A peça subiu á scena em beneficio de Brândão Moreira, consciencioso ensaiador do theatro.

E, a proposito, convém apontar e frisar, como facto realmente digno de todo o applauso, a honesta tenacidade, digamos assim, com que o theatro do Principe Real vai inalteravelmente seguindo a linha do seu programma, cultivando sempre o genero theatral que ha muito convence a sua feição artistica, e o mais seguro condão de agrado para as plateias populares.

Em alguns dos nossos theatros dá-se hoje, por uma errada comprehensão administrativa sem duvida, uma constante inversão de papeis na sua modalidade artistica, continuas e por vèzes imprevistas fluctuações no repertorio, — hoje comedia, depois drama, a seguir opera, — o que, junto com a relativa elevação dos preços, desnoetia o publico e torna o seu recinto quasi por completo vedado ás algeibeiras menos bem fornecidas.

O Principe Real não.

Ali cultiva-se, honesta e permanentemente, o drama de situações, o desdobramento, exaggerado e violento, das latibulares agruras da vida humana.

É este o genero de espectaculos mais ao sabor das plateias populares, cuja rede emotividade carece do estimulo da ampliação brutal, para se deixar attingir.

E este theatro, não sabendo de semelhante genero, zéla muito atiladamente os seus interesses, e ao mesmo tempo serve ao publico, que de preferencia o frequenta, o alimento espirital mais de harmonia com as predileções do seu instincto.

É de bem n'esse genero, que o publico do Principe Real tanto aprecia, a peça que para brevemente se annuncia, o *Demonio dos Mares*.

O título mais parece o de uma espectacular magica. Mas, não! O *Demonio dos Mares* é um drama pungente, destinado a arrebatrar o publico.

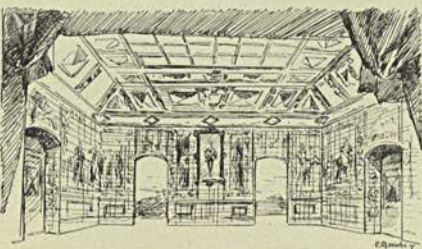
De resto, dentro em pouco terdo occasião de o avaliar, porque é no dia 22 que essa recita se realisa.



Georgina Pinto
(Do Theatro D. Amélia)



Rosa Paes
(Do Theatro da Trindade)



Scenário do 1.º acto de Frei Luiz de Sousa
(Theatro de D. Maria)





Pepa no 2.º acto da Mulher-Polícia
(Theatro Avenida)

vista, é de calcular, os auctores carinhosamente preparam os melhores papéis, a maior quantidade de verde, evidencição e brilho para serem trazidos á scena por Pepa, que lhes emprestará o segredo d'essa en-diabrada vida, essa ondulosa elegancia e essa fascinativa e mordente sensualidade, que no nosso theatro fizeram o seu nome celebre, e perduravelmente lembrada e firme a linha insubstituível da sua figura.

Acresce que a empresa do theatro Avenida conta escripturar um ou dois actores popularissimos, reconvidos do Brasil, o que, a realisar-se, será melhor que a mais maravilhosa varinha de condão, para o effeito de atrahir o publico. De tudo isto precisa o theatro, visto como a sua situação um pouco arredada, e a concorrência que, trabalhando no mesmo genero, lhe fazem a Trindade e a Rua dos Condes, são elementos, e de não pouca monta, promptos sempre a jogar em seu desfavor.

É visto que já entrámos em assumpto alheio á *Mulher Policia*, e invadimos o campo da informação, vem a pélo falar tambem na *Viagem de Suetete*, que a empresa vae pôr em condições exceptionaes de phantasia e luxo. Basta saber que quatro dos nossos melhores scenographos estão encarregados de pintar as scenas para essa peça sensacional, que vae dar successivas enchenças ao theatro em que todas as noites brilham como estrelas da operetta a Pepa e a Cinira.

Com tantos theatros em exercicio, com tamanha diversidade de generos para todos os paladares, n'uma cidade que não tem, por assim dizer, população fluctuante, e em que o publico é constituído por emprega-

Avenida

A mulher-polícia

Era esperada a com anciedade a primeira representação d'este *vaudeville*, por fazer n'elle a actriza Pepa a sua reaparição. A peça é fraca, de accção diluida e futil, vasada toda em moldes antigos; contudo o papel da protagonista presta-se excellentemente á vantajosa exhibição dos multiplos recursos scenicos de Pepa, a saudosa artista, que o publico applaudiu de lirantemente, sobretudo nos *complets* do 2.º acto.

A peça mantém-se em scena, enquanto se ensaia, mostra e veste essa sensacional revista do anno, que promette vir a ser a que *Escapulo* e Salvador Marques estão elaborando.

Para semelhante re-



Cinira no camarim
(Theatro Avenida)

dos: publicos, janotas, fidalgos e burguezes, patrões e caixeiros, um theatro como o da Avenida, pouco tempo e afastado, precisa para se impôr, para chamar a attenção, para destacar entre tantos, apresentar um espectáculo que prime ou pela originalidade, ou pela riqueza da *mise-en-scene* ou por quaesquer elementos enfim que o sigam *épaté* ou deallumbar o publico, sempre avido de novas sensações.

Por isso auguramos um exito colossal á futura *Suetete*, em que se estreia, segundo nos dizem, Alfredo de Carvalho, esse artista tão apreciado e querido das platéas populares.



Quadro das horas, da magica *Relogio Magico*

Colyseu dos Recreios

Companhia equestre

A intelligente empresa Santos Junior continua fazendo este anno uma bella gerencia, justificando assim galhardamente a nossa affirmativa de um dos numeros passados, de que, desde os individaves tempos da *Géraldine*, não veio ainda ao Colyseu da rua de Santo Antonio companhia tão attrahente e completa.

Alguns dos melhores e mais applaudidos artistas retiraram já, como: o incomparavel *eleonora* Weldeman, chamados a Londres por um contracto antigo, e esses tão interessantes e caracteristicos *eccentrics* Lorenos. Mas vieram com vantage substitui as outras figuras de valor, aumentando principalmente o *eleoco* feminino. A *troupe* plastica *Manes's*, (onde ha duas longas e ondulantes italianas que parecem a ressurreição de duas preciosas figuras etruscas), a cancionista *Neisa*, a formidavel athleta e as surprehendentes gymnastas *Dorina*, são para o publico outros tantos elementos seguros de agrado e exito.

Entretanto, da companhia ficam permanentemente fazendo parte aquelles artistas que, desde o começo, mais alcançaram a lient-ar-se pela sua arte, gentileza ou valor. Tal o popularissimo *Bibó*; tal essa encantadora, essa adoravel e frantina *mignonnelle* que é *mademoiselle* *Seiffert*, delicada *fleur* do Norte, alemã de origem, e que mais parece entretanto, pela agilidade, pela graça, pela empolgadora segurança dos seus nervos, alguma ardente e impetuosa filha dos paizes ditlectos do sol.

«A pequenina estrella do Norte» lhe ficaram chamados, nos varios paizes que a têm admirado; e tem realmente o que quer que seja de vaço, de sideral, de alado a sua melindrosa figura, quando siroca e fina nos apparece, brillando pelo contraste na bruta amplitude d'um circo, emoldurada em flores, vestida de sedas finissimas, com uns olhos que são dois soes, com uns braços que são azas...

Rato

As proezas de Satanas

É uma peça magica mais, que appareceu nos nossos theatros, tão dados ultimamente á exploração d'este genero. Exhibe as costumadas visualidades, pte em jogos conhecidos *trucs* habituales, mas tudo isto despretençioso e ligeiramente, por uma forma que faz esquecer as reminiscencias que a cada passo nos saltam, com outras peças da mesma indole.

De resto, está muito adaptivamente bem cosinhada no sabor do publico *habitué* do theatro, e a *mise-en-scene*, guarda-roupa e scenario, excedem muito o que estamos acostumados a ver em theatros populares.

O scenario é devido ao pinhel de Eduardo Reis, um publico de valor a quem o publico fez a devida justiça, palmeando-o e dando-lhe as maiores demonstrações de apreço em a noite da sua 21.ª artistica realisada em 18 do corrente.



Mademoiselle Seiffert
(Do Colyseu dos Recreios)



Pepa no 4.º acto da Mulher-Polícia
(Theatro Avenida)

BRASIL—PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores
Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lorjô Tavares
Editor
Luiz Antonio Sanchez
Redacção e administração—Rua Ivens, 53
LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO
Anno.....	45\$000	Anno.....	25\$000
Numero avulso.....	2\$500	6 mezes.....	15\$000
		3 mezes.....	8\$500
		Numero avulso.....	5\$000

SUMMARIO

Chronica electrica—BRASIL-PORTUGAL.
Pedro Americo.
O Natal no Brasil—PEDRO AMERICO.
O Natal do Friburgo—versos do VASCONOS DE CASTILHO.
A guerra do Transilvã sob o ponto de vista economic—AR-
SENIO D'ANNAES.
O Congresso da Paz—Augusto de CASTILHO.
Portugalia.
Os Theatros da Lisboa.
Os embaixadores.
Theatros.

Paginas supplementares

Os nossos correspondentes.
Cartas de Lisboa.
Cartas de Paris—Oraval.
Luzes d'Occid.—P. A. DE MATROS.
CARTEZ DA QUINZENA.
Noticias.
Capitulos Reza.
A lei de Lynch.
Uma chuva de pêras—curio mudo.
Um atropelamento—curio mudo.

44 ILLUSTRACOES

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empreza do BRASIL-PORTUGAL tem
14 os seguintes representantes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO—Coronel Theodoro Pope
de Moraes e José Martins Poello, Rua da Allian-
ça, 4, sobrado.

PERNAMBUCO—Leopoldo A. da Silveira.

PARÁ—Manuel Ferreira Santos Junior (ca-
da Very-Well).

MANAOS—Lino Aguiar & C.º

MARANHÃO—Leocadio J. de Medeiros & C.º

CEARÁ—Salles Torres & C.º

BAHIA—Souza Vianna & C.º Rua dos Ouri-
vos, 2.

PELOTAS—Carlos Pinto & C.º
(Livraria Americana).

PORTO ALEGRE—Carlos
Pinto & C.º (Livraria Americana)

RIO GRANDE DO SUL—
Carlos Pinto & C.º (Livraria Ame-
ricana), Rua Marechal Floriano,
100.

Em Africa

BOLAMA (Guiné)—Cesar A.
Gouveia da Silva Homem, the-
soureiro geral da Provincia.

MOSSAMEDES—José Maria
Pereira, escriptor e tabellião.

QUELLIMANE—Henrique Lima.
No continente

PORTO—Livraria Moreira, Praça de D. Pe-
dro.

EVORA—Luiz Freire Correia, director da
fiscalisação dos tabacos.

FONTE DE LIMA—Lima, Amaral & C.º

A Empreza BRASIL-PORTUGAL espera
dentro em pouco completar a relacão dos
seus correspondentes em todos os Est-
dos do Brazil, e em Portugal e colonias.

Com elles se poderão entender directa-
mente todos os ass. subscriptores e li-
tores do BRASIL-PORTUGAL.

CURIOSIDADES

O sinete de lord Byron

E' um sinete de forma octogonal tendo em
cada uma das oito faces um emblema e uma di-
visa.

Numa das faces está o busto do poeta e o seu

A chuva de pêras



nome Lord Byron; n'outra uma flor com estas
palavras: Não me esqueças; n'outra, um cão
com Fiel; na quarta, um navio com Assim é a
vida.

As quatro faces restantes têm uma mão ab-
erta, um gallo, um olho e um cavallo, cujas divi-
sas já estão illegiveis.

Em Lord Byron, havia, com effeito, oito ho-
mens, diz um critico, e alguns d'elles estão admi-
ravelmente symbolisados nas oito faces do si-
nete.

Lá está o navio como emblema de seu espiri-
to pratico e aventureiro. Lá está a mão aberta
que diz a sua prodigalidade, a facilidade do ser
que se abandona, se dá a todas as emoções.

Lá está tambem o gallo que pinta bem a sua
fatuidade, a sua lascividade, a sua constante in-
clinacão a cacarejar d'alto e a fazer reluzir as
penas ao sol.

E lá está n'outra faceta o seu proprio busto
e o seu proprio nome lembrando que em Lord
Byron o que sobre tudo existia, era o amor de
Lord Byron.

A côrte de Montenegro

Uma côrte tranquilla, singela, onde quasi é
desconhecida a etiqueta é a de Montenegro. O
palacio real em Cetigne nada tem de opulento,
mais parecendo a confortavel habitacão de um
burguez.

Ha pouco celebraram festas allí por occasião

Conselho d'Amigo...

Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

do casamento do Príncipe herdeiro com a Princesa Carlota Julia de Mecklemburgo Strelitz.

O príncipe Danilo é um rapaz de 28 annos, sympathico, communicativo, bondoso; a princesa é uma allemã espantosa, tranquilla, uma doce *gretchen*, muito amigável da pacata vida de familia. Na corte de seu noivo, Gettigne que só conta 3.000 habitantes, achará a realisação do seu ideal.

O príncipe reinante, Nicolau I, é um homem doce e affável, muito bondoso. Andou pelos 60 annos. É bom e justo.

Junto do seu palácio ha um olmeiro tradicional, sob o qual o príncipe se senta e recebe os seus subditos, ouvindo amavelmente as suas pretenções, que resolve como é de justiça.

Nicolau I é muito amado pelos montenegrinos, que constituem um pequeno povo, valente, enérgico e honrado, com um grande sentimento de independência.

A vida de Gettigne é de uma simplicidade quasi rustica. Nada de camaristas, nem mestre de ceremonias, nem grandes personagens de corte. Apenas dous ou tres ajudantes de campo constituem todo o pessoal.

Nicolau I levanta-se tarde. Em seguida, almoça e vai ao conselho do Estado; dirige as deliberações e vai dar um passeio pela cidade. É acompanhado por alguns guardas, mera questão de formula, porque o príncipe quer que deixem approximado d'elle todos quantos lhe queiram fallar.

Ao meio-dia, jantar de familia no palácio. A mesa é sobria, sem luxo algum. A noite, o príncipe trabalha, lê e ás vezes cultiva ás musas. Nicolau I é poeta.

A princesa reinante é também muito querida pelo seu povo. Ella e Nicolau adoram-se. A princesa goza a fama de ter sido uma das mulheres mais formosas do seu tempo. Teve 6 filhos, e o mais velho dos quaes é Danilo, o herdeiro que casou agora.

— O sr. conde está ?

— Não está.

— Precisa-vos muito fallar-lhe... a que horas virá ?

— Isso agora... Quando s. ex. manda dizer que não está, nunca se sabe quando volta.

Sciencia facil

CONSTRUÇÃO DE UM PESA-CARTAS HYDRAULICO.

— Para construir este tão útil instrumento, toma-se um frasco de bocca larga (A) e um pedaço de pau, cylindrico (B) lastrado com pregos (C) de modo a sustentar-se verticalmente no liquido. Colloca-se na sua extremidade superior um pedaço de cartão (D) de modo a servir de prato.

Nesta posição sem ter peso no prato marca-se um O no sitio onde chega o nivel do liquido no pau. Colloca-se em seguida no prato uma moeda de 200 réis em prata: o pau mergulha e marca-se 5 no sitio onde o liquido chega n'esta outra moeda de 200 réis e marca-se 10; torna-se



outra moeda de 200 réis e marca-se 10; torna-se

a pôr nova moeda e marca-se 15; e assim successivamente contando cada moeda de 200 réis por 3 grammas.

D'este modo se arranja um pesa cartas que pode prestar alguns servicos e que funciona com uma grande regularidade. Não é um instrumento perfeito e absolutamente exacto mas serve para a grande maioria dos casos.

Como a agua tende a evaporar-se é conveniente marcar o nivel onde ella chega no frasco quando o instrumento está em descanso; d'este modo é facil manter sempre a agua no mesmo nivel sem ter que estar a graduar o instrumento de cada vez que se tem que deitar agua.

CONSTRUÇÃO DE UM KALIDOSCOPIO. — Arranjam-se dous pedaços de vidro com uns 20 centímetros de comprimento e 3 ou 4 de largura; passa-se sobre uma das superficies d'esses vidros uma camada de tinta negra e quando ella está secca collocam-se as duas laminas n'um tubo de metal ou de cartão; este tubo deve ser enegrecido interiormente. É preciso que as superficies não pintadas estejam em presença e inclinadas uma sobre a outra d'um angulo de 45 graus pouco mais ou menos. Fecha-se com uma lamina de vidro uma das extremidades do tubo e colando por cima d'este vidro uma folha de cartão com uma abertura no centro; é por este lado que se observa. Na outra extremidade arranja-se uma especie de caixa entre duas laminas de vidro, uma collocada interiormente e que é transparente e outra que é despolida e collocada exteriormente.

Entre estas duas laminas fica um espaço onde se introduzem, pedacinhos de vid. corado, conchas pequenas, pedaços de renda e de papel de cores, folhas seccas, etc.

Quando se quer observar, colloca-se o instrumento horizontalmente e espreita-se pela abertura para a luz a outra extremidade do tubo vê-se um desenho de grande symetria e que é formado pela reflexão multipla nos dous pedaços de vidro, das coisas que introduzimos na caixa. A medida que se vai girando com o tubo o desenho vai-se modificando e é tanto mais variavel quanto maior for a quantidade de objectos que introduzimos na caixa.

ORAVAL.

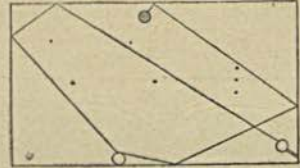
Luz nas trevas, casis no deserto, estrella na tempestade; tal é a mulher na vida. O seu amor é para o coração do homem o que o cerebro é para as ideas, a mensura para o systema nervoso, o nervo para a sensação.

PINTO DE ABREU.

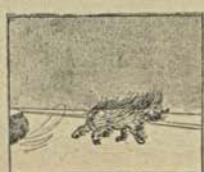
Horas de ocio

O BILHAR

Carambolas de phantasia



Um atropelamento



Charadas em verso

Na patria do grande Homero
Tive o primeiro logar — 2
Hoje me desprezo —
Nem sou nome proprio; — 2
e tem até por mim tal aversão
que nem o nome antigo já me dá.

ANIMAS DO NASCIMENTO.

Pum! bravo caçador!
Que bem lhe acertou! — 2
No veloz mastigador!
Collado: como o deixou! — 2

Que barullo!
Que motim!
Tanta gente,
E o cilindro?

Charadas novissimas

A arvore do amor é uma flor — 2, 1.
A senhora tem duvida em ser minha namorada? — 2, 1.
Este homem é devoto e calouso — 2, 2.
No navio ha uma planta que dá flores — 1, 2.
Não posso viver sem ti, mulher! É o symbolo da nobreza — 1, 2.
Carambola, adorna e desajoga — 5, 6, 2, 3, 3.
Espejo! Cuidado com a comida — 1, 2.
Perto este vidro que é forte — 1, 2.
Tenho no jardim uma ave — 1, 2.

Logogrifo

(Por letras)

Este fructo do Brazil — 2, 3, 2, 1, 2
Não sei se é religioso — 1, 2, 7, 7, 9
Mas esta saia mulher — 1, 2, 3, 2, 3
É um cordão formado — 2, 1, 2, 2
Foi homem! é vegetal — 4, 2, 1, 2
Tambem pode ser carvão — 5, 6, 6
Que liquido oleoso — 5, 6, 2, 2,
Este na terra ou vi primeiro — 1, 6, 5, 2, 2, 7, 6

O cocoello, meu amigo,
vou já dar-to em demora
É' um fructo meoas mais,
mas que não achas agora.

Enigmas

Quatro letras lhe dissez tecido,
Troque-lhe uma e terá appellido;
Troque a mesma para ter craxado;
Troque a mesma pode ser calgado;
Troque a mesma que pode ser doenza,

Troque a mesma, á ordem, sem detença;
Troque a mesma e signal ha de ter;
Troque a mesma aterra pode vir;
Troque a mesma acaudal terá.
Troque a mesma lugar anchará.

Moeda.
Pedra.
Herva.
Embarcação.
Bohida.
Animal.
Ave.

Perguntas enigmaticas

Em certa palavra achamos uma planta, uma flor e o nome da praça preciosa?
Qual é?

Ha um quadrado que pode ser Cabo, Cidade, Ilha, Povo e é um Hespanha e Província em Portugal.
Qual é?

Decifrações do n.º 16 do BRASIL-PORTUGAL

Das charadas em verso — Xibobolano, Motejo. Das charadas novissimas — Gallego, Nandiz, Paiz, Garrafo, Elias, G. de Silva, G. de Silva, Colombo. Das cartas enigmaticas — Montenegro.

Rectificação. — A primeira charada novissima do n.º 16 do Brasil-Portugal, saiu errada. Onde se lê: defecção deve ler-se: defolção; Daramo, polo, a decifração ha um erro seguinte.

Correspondencia em miniatura

J. F. (Lisboa) — Deverás estimo que V. S.ª disse razão no meu diário. Em tom portuguez quer isso dizer que dá a vida a quem mata. Foi bem porque ainda nas duas charadas que enviou tem o mesmo sentido que pedem forçã! Mas não se acanste, não desanime. Paiz, que se o ajudará.

F. A. DE MATTOZ

Em um camarote:
— Oh Emilia! não trouxeste o binoculo?
— Trouxe, sim, mamã; mas não posso servir-me d'elle.
— Porque?
— Porque me esqueceram as pulseiras.

O CARTAZ DA QUINZENA



S. Carlos.— Como dissemos, abre no dia 20 com a *Bohème*, de Puccini, a epocha lyrica do Real theatro de S. Carlos. A distribuição dos papeis, como dissemos tambem, é a seguinte:

Mimi..... Ferrani
Musette..... Martelli
Rodolpho..... Bonci
Marcello..... De Luca
Colline..... Perello
Schaunard... Cervi
Alcindoro... Rossi

Em seguida á *Bohème*, de Puccini, cantarse-ha o *Orpheu*, de Gluch. A distribuição é a seguinte:

Orpheu..... Armida Parsi
Eurydice..... Amalia de Rema
O Amor..... Longhi

Depois subirá a scena o *Werther*, opera de Massenet, que na epocha passada agradou extraordinariamente.

No *Werther* tomam parte Cesira Ferrani, Amalia de Rama, tenor Delmas, barytono De Luca, e baixo Rossi.

D. Maria II.—É inutil dizer que a proxima quinzena n'este theatro é prehenchida com o *Frei Luiz de Souza*, que está posto em scena com um tal rigor historico, e com um tal deslumbramento, o scenario de Marini é tão primoroso, o desempenho dos artistas é tão correcto, que em nada nos admira o successo collossal. No dia 18 é o beneficio do camaroteiro, com a comedia os *Impudentes*, tradução de Fialho d'Almeida.

D. Amelia.—Leva á scena a nova peca de Lopes de Mendonca, com um esplendido scenario pintado por Eduardo Machado, o notabilissimo scenographo, que para uma das scenas preparou uma absoluta raridade entre nós. A distribuição dos papeis é a seguinte:

Paulo, filho de Marçal..... A. Rosa
João Pardelha..... E. Brazão
Dyonisio, pregoeiro..... J. Rosa
Marçal, taberneiro..... J. Gil
Manuel da Brincosa..... A. Antunes
O Charrouco, corcunda..... J. Saraiva
Focha, guarda da alfandega..... A. Cabral

Seca-e-Meca, almocreve..... F. Lagos
Anninhas, filha de Dyonisio... G. Pinto
Monica, avó de João Pardelha Anna Pereira
Rosaria..... Amelia Pereira
Um pescador..... F. Salles
Uma mulher..... A. O'Sulivand

Pescadores, mulheres e creanças da villa

A acção passa-se na Ericeira na segunda metade do seculo XIX.

Trindade.—Ainda que a empresa o desejasse, o publico não consentiria que se tirasse de scena o *Relogio Magico*, a mais engracada, a mais divertida de todas as magicas que se tem representado nos nossos theatros; e se todas as noites ha verdadeiras batalhas entre os que desejam slancar os bilhetes, imaginem se não haveria uma verdadeira revolução no dia em que se noticiasse que o *Relogio Magico* ia ser retirado de scena.

Portanto é inutil dizer que a proxima quinzena no theatro da Trindade, será toda occupada com espectaculos do *Relogio Magico*.

Gymnasio.—Até ao dia 22, continua representando a companhia d'este theatro as peças mais applaudidas do repertorio.

Na noite de 22 sobre á scena pela primeira vez o drama em 3 actos, *Alleluia*, original de Marcos Praga, tradução de Luiz Galhardo.

A distribuição dos papeis é a seguinte:

Alexandre Fara..... Joaquim d'Almeida
Portuani..... Telmo
Flaviano..... Ignacio
Marzotti..... Cardoso
João..... Pinheiro
Germano..... Ferreira
Filippe..... Sarmento
Rocco..... Ramos
Elisa..... Beatriz
Eva..... Julianna
Sandrina..... N. N.

N'essa noite é o beneficio de Joaquim d'Almeida, o illustre artista que tão querido é do nosso publico.

Uma commissão de amigos e admiradores seus, preparam-lhe para essa noite uma ruidosa manifestação. O theatro estará ornamentado sob a direcção do sr. Henrique Sant'Anna.

Rua dos Condes.—Durante a proxima quinzena representará:

Commissario de Policia.
Aguilhas e Affinets.
Sachristão de Santo Eustachio.
Filho do Commissario de Policia.
Luceiras d'Amor.
Victoria do General.
Durand e Durand.

Continuam os ensaios da operetta *Preta de Xabregas*, original de Eduardo Schwalbach, com musica do maestro Filippe Duarte.

Esta operetta deve representar-se em principios de janeiro, na festa artistica do actor Valle.

Principe Real.—Até ao dia 21 irá representando a companhia d'este theatro o drama *Dama d'Ouros*, que tem agradado immenso e a engracadissima parodia de Eduardo Fernandes (Esculpão), *João João*.

No dia 21 sobre á scena pela primeira vez o drama em 3 actos e 8 quadros, *Demônio dos Mares*, original de Eugenio Grange e Bernardo Lopez, traduzido pelo sr. Maximiliano d'Azevedo.

A distribuição dos papeis é a seguinte:

Roberto Sourcouf, corsario... Pato Moniz
Vento-em-pópa, marinheiro... Luciano
Chrispim..... Roldão
Webster..... Peixoto
Conde de Gerpre..... Torres
Pedrinho, grumete..... Amaral
Gernamey, immediato da corveta Confiança..... Baptista
O governador de Saint Maló... Soares
André, moço de estalagem... Machado
Bantan, pirata malaio..... E. Soares
Tanjain, idem..... Ferreira
Darterte, corsario..... A. Torres
Wittman, carcereiro..... M. Ferreira
Um cabo..... Mendonça
Um sargento inglez..... Frederico
Amelia de Gerpre..... Rosa d'Oliveira
Mathilde Keronan..... Elvira Costa
Joanna, estalajadeira..... Elisa Aragonex
Rosa, mulata..... Julia Assumpção

Marinheiros francezes e inglezes, officias, habitantes de Saint-Maló, colonos da ilha de Java, piratas malaios, soldados, etc.

Em principios do seculo actual.—O 1.º e 2.º actos em Saint-Maló—O 4.º a bordo da corveta *Confiança* e os restantes na Malasia.

Rato.—Até ao dia 1 de janeiro irá representando a magia de grande espectaculo, *Proezas de Satanaz*, que alcançou um ruidoso successo.

No dia 30, porem, interrompem-se essas recitas para subir á scena, em beneficio do actor Eusebio de Mello, a revista *Lisboa na Pandega*.

Real Colysou.—No dia 22 deve subir á scena pela primeira vez a operetta em 3 actos a *Reviravolta*, arreglo de Alberto Bessa, com musica do maestro Carlos Calderon.

A distribuição dos papeis já nós publicamos no ultimo numero.



RECEITAS

Creme de batatas

Ralam-se seis batatas cruas, mistura-se a massa com 4 onças de amendoins descascados e socados, com 4 onças de assucar e 6 gemmas de ovos. Desfaz-se tudo em 1 1/2 garrafa de leite, e ferve-se até ficar reduzido a 1 garrafa; deita-se então em compeiteiras, e polvilha-se com canella.

Pombos de D. Francisco

Assem-se os pombos. Affogue-se um pequeno bocado de roucinho com pouca manteiga, cheiros, vinho branco, um golpe de vinagre, summo de limão e, postos os pombos sobre fatias de pão, lance-se-lhes aquelle molho por cima e assim se sirvam.

Hippocraz de ananaz

Corta-se um ananaz em pequenos pedaços, polvilha-se com 9 onças de assucar, e deitam-se-lhe 8 onças de cognac e 3 garrafas de vinho branco; depois de passados quatro dias, filtra-se e guarda-se.

Colla para vidro e porcelana

Desfazem-se 60 grammas d'amido e 100 de creffinente, reduzido a pó, n'uma mistura de partes eguaes d'agua-ardeite, a que se juntam 50 grammas de terebentina de Veneza; tendo o cuidado de agitar com uma varinha de madeira, a fim de formar uma massa homogenea.

Apresentam ao pequeno João o filho de uma negra, um admiravel pretinho.

João olha attentamente o menino sem nada dizer; depois, gravemente, para entreter a conversa, pergunta-lhe:

— Quem morreu? De quem você está de lucto?

Caçadores reaes

Os principes da casa de Saboya sempre se distinguiram por sua paixão pela caça.

Os montanheseos do valle de Aosta não fallam senão com emoção e respeito das arrojadas expedições dirigidas pelos seus soberanos contra os gamos da região.

Companhia Industrial Productora de Papeis Pintados

Sociedade Anonyma Responsabilidade Limitada

Parte do papel empregado n'esta revista é fabricado na Companhia Industrial Productora de Papeis Pintados.

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada. Premiada em todas as exposições a que tem concorrido.

Fornecedora da Companhia Nacional Editora e das principaes lithographias e typographias do paiz.

ENDEREÇO TELEGRAPHICO
PAPIS — LISBOA

Numero telephonicoo
878

Papeis para forrar casas, papeis de luxo e ordinarios, impressos e estampados, fingidos, envernissados, vincados, etc.

Papeis marmoreados, percalinados e de lustro, para cartonnagens e involucros, etiquetas e rotulos.

Papeis couchés, e para typographia, lithographia e photogruvras.

SÊDE E DEPOSITO GERAL

Rua de S. Sebastião da Pedreira, 25 e 27

Ha dois annos, o rei Humberto, o principe de Nápoles e o duque de Abruzzos estiveram a ponto de perder a vida durante uma caçada de gamos no valle de Gesso.

Uma avalanche de neve bloqueara o soberano e seus companheiros na cabana de Vagliota.

Os illustres caçadores passaram alli a noite e, para se livrarem, tiveram de pedir o auxilio de alguns trabalhadores que se achavam proximo.

Essa aventura não curou o rei de sua paixão. Dois ou tres mezes, no inverno, vai á caça de javalis em Castel perciano, nos arredores de Roma, onde se expõe a verdadeiros perigos.

Conta-se que essas expedições arrigam muito a rainha Margariá, que organisou um parque abundante de caças de diversas especies nas suas possessões de Monza; mas o rei despreza as lebres e os faizões que alli abundam e sae em busca de uma presa mais nobre.

O rei Humberto é, no tocante á paixão pela caça, digno filho de seu paé.

Na Italia, o rei *Galatunna* caçava principalmente em Monte Branco e nas vertentes meridionaes dos Alpes.

Vestido como um caçador furtivo, tendo á cabeça um simples *sombrero* de feltro o rei sahia a perseguir o gamos nos pontos em que os sahia adocidos vacillavam em accompanhal-o.

Assim é que muitas vezes se viu só no fim da jornada, tendo de pedir hospedagem em alguma cabana.

Em taes occasiões o rei não desdenhava de representar o papel lendario dos soberanos que não revelam a sua identidade, entram em conversação com a gente do povo e chegam assim a conhecer a opinião publica sobre os principaes successos do dia, actos do governo e a sua propria pessoa.

Brincam em um jardim um menino e uma menina.

O menino de repente:
— Queres ser minha mulher?
— Quero, sim.
— Pois então vem tirar-me as botinas.

Uma mulher de espirito nem sempre tem o espirito de uma mulher.
GUY DELAFORÉST.

Um engrassador:
— Oh! amigo Rodrigues, ha muito tempo não tenho o prazer de ver te...

— O senhor engana-se; eu não sou Rodrigues; chamo-me José de Souza.
— Não faz mal; venha de lá este abraço.

A lei de Lynch

Toda gente de cor da região Noroeste do Missouri, Estados-Unidos, acha-se muito agitada pela morte violenta de um prégador negro, o revm. William Johnston, morto em Marysville pelos agentes de policia encarregados de accompanhal-o á cadeia.

O revm. Johnston comparecera a um tribunal accusado de insulto a uma mulher branca, sendo condemnado a nove mezes de cadeia. Elle tentou muito ser executado summariamente, ser lynchado e pedira a um amigo dois revólvers para sua defeza. Ao sahir do tribunal depois da sentença, o revm. Johnston viu-se cercado por povo e, acreditando que queriam lynchal-o, encostou-se a uma parede, empunhando os revólvers, decidido a vender caro a vida. Então os policieiros, allegando resistencia do preso, mataram-no a tiro.

É preciso notar que semanas antes, o revm. Johnston pronunciára em Chicago um sermão notavel em que aconselhára aos negros de lutar com armas nas mãos com os brancos que os quizessem lynchar. A queixa de injuria a uma senhora, o que não estava nos habitos do prégador, é considerada no Missouri como pretexto para levál-o á cadeia e ahí lynchal-o.

E foi nos Estados-Unidos que Miss Beecker Stowe escreveu a *Cabana do Pai Thomaz*.

HOTEL DURAND

English Hotel — Lisboa

7, Rua das Flores — Largo do Quintella

Este hotel, situado na parte mais central da cidade, offerece todos os confortos de uma casa de primeira classe.

Consultorio medico-homoeopathico

Do Dr. Cesario d'Abreu

ROA AUGUSTA, 224, 226, 228

LISBOA

Consulta medico-cirurgica e partos — 12 da S. I., 8 e 10 m., dr. Arthur Braga.
Consulta medica, 3 e 6 h. da t.; dr. Cesario d'Abreu.

Consulta gratuita a qualquer hora

PRODUTOS SEM HURT E REPARATIVOS AMERICANOS.
12 BARRILHAS DOBRO-DO DIAPYRINA DIORINA
SPECIALIT: RIBEIRO DA COSTA & C.
160, Rua do Arsenal, 152, LISBOA

PRODUTOS SEM HURT E REPARATIVOS AMERICANOS.
12 BARRILHAS DOBRO-DO DIAPYRINA DIORINA
SPECIALIT: RIBEIRO DA COSTA & C.
160, Rua do Arsenal, 152, LISBOA



Bilhares de precisão

COM A CELEBRE TABELLA AMERICANA

MONARCH

Pannos, Tucos, Bolas e todos os accessorios
Jogos diversos de novidade—Cartas,
Tentos e Fixas para todos os jogos

Viuva de José Alexandre de Senna

26 — Rua Nova do Almada — 26

CASA FUNDADA EM 1854

LISBOA

Peçam o catalogo illustrado



PROVIE

OS

DELICIOSOS

VINHOS

DO

PORTO

DE

CONSTANTINO

DE

ALMEIDA

